

**Modelos Terapêuticos em Movimento no Portugal do Século XIX:
actores, discursos e controvérsias.**

Nome do candidato
Maria Dulce Pombo

Dissertação de mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia da Saúde e da Doença

Orientadora:
Professora Doutora Graça Carapinheiro
Professora Catedrática
ISCTE-IUL

Outubro 2010

Agradeço à minha orientadora Professora Graça Carapinheiro

Aos meus colegas de Mestrado

À Professora Madalena Matos

À Professora Ana Pina

À Mestre Natália Félix

À Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.

Ao Ateneu Comercial do Porto.

Aos funcionários das salas de leitura da Biblioteca Nacional de Lisboa, da

Biblioteca Municipal do Porto, da Hemeroteca Nacional e da Biblioteca do

Palácio das Galveias em Lisboa.

À Teresa que soube compreender as minhas ausências

Aos meus queridos pais que me incentivaram a crescer ainda mais

À Mina, a pessoa que mais me apoiou e motivou

Aos meus pais

À minha filha

À Mina

Sumário

Esta dissertação de mestrado pretende apresentar os sistemas ou métodos terapêuticos que vigoravam em Portugal ao longo do século XIX. Caracterizar os palcos e os actores destes movimentos numa época em que a arte de curar oscilava entre as concepções dominantes no século anterior e a ciência experimental. A grande movimentação em torno dos sistemas terapêuticos e toda a polémica gerada no seio da sociedade médica portuguesa.

Tentar entender os antecedentes das novas heterodoxias terapêuticas e enquadrar a realidade da saúde portuguesa numa Europa em movimento, pelas novas ideias da modernidade.

Palavras-chave: Sociologia, História, Saúde, Século XIX, Modelos Terapêuticos

Abstract

This master's degree dissertation aims to present the therapeutic methods or systems that prevailed in Portugal along the nineteenth century, characterizing the stage and the actors of these movements, at a time when the art of healing varied significantly between the dominant conceptions that have emerged in Europe around the experimental science in the century before.

The great movement around the therapeutic systems and its controversies within the medical society in Portugal are the subject of this research, in terms of trying to understand the background of new therapeutic heterodoxies that framed the reality of the Portuguese therapeutic system, inspired in new ideas of modernity that cross through the Europe in motion.

Key-words: Sociology, History, Health, Nineteenth Century, Therapeutic Models

Índice

i. Agradecimentos	_____	pag. 1
ii. Dedicatória	_____	pag. 2
iii. Resumo e palavras - chave	_____	pag. 3
iv. Abstract e Key Words	_____	pag. 4
v. Índice	_____	pag. 5
1. Introdução	_____	pag. 6
2. A Europa Moderna do século XIX	_____	pag. 9
3. O comboio que vinha de Paris - A sociedade moderna Portuguesa	_____	pag. 13
4. A Modernidade no olhar dos sociólogos da época	_____	pag. 19
5. A Saúde Portuguesa no século XIX	_____	pag. 22
5.1- A herança das Luzes	_____	pag. 31
5.2- De olhos postos na Europa	_____	pag. 34
6. Os Sistemas Terapêuticos em Portugal no século XIX	_____	pag. 37
7. Actores, discursos e controvérsias	_____	pag. 49
Conclusão	_____	pag. 57
Bibliografia	_____	pag. 59
Anexos		
Anexo nº 1	_____	pag. 70
Anexo nº 2	_____	pag. 74
Anexo nº 3	_____	pag. 76
Anexo nº 4	_____	pag. 77
Anexo nº 5	_____	pag. 81
Anexo nº 6	_____	pag. 84
Curriculum Vitae	_____	pag. 86

1-Introdução

O interesse em realizar este trabalho nasceu em 1988, quando a meio de uma investigação documental me deparei com um anúncio do *Diário de Notícias*, datado de 8 de Outubro de 1942: um naturopata de Paço d’Arcos visava esclarecer os leitores sobre a absoluta legalidade em que se encontrava a sua clínica, com mais de vinte e cinco anos de existência, e de acordo com as *Leis do País*. Dias depois, num outro jornal, o *Diário de Lisboa*, encontrei uma notícia datada de 26 do mesmo mês com o título “ *Exercício ilegal da Medicina*”, em que os leitores eram informados do encerramento da anterior clínica, à luz de um decreto entretanto publicado, no sentido de perseguir os falsos médicos, curandeiros e mulheres de virtude.

No decorrer deste mestrado, e no âmbito de uma pesquisa bibliográfica para um trabalho, encontrei o livro, *A Natureza ao serviço da Saúde ou A Doença ao serviço do Curandeirismo ou A ingenuidade do Público português ao serviço de um especialista internacional*, de Bastos Guerra e Belmiro Ribeiro do Amaral, datado de Fevereiro de 1942. Versava sobre a contra-minuta de recurso da Ordem dos Médicos, relativa ao encerramento da referida clínica de Paço de Arcos. Foi neste instante que pensei ter encontrado o *fio da meada* que procurava para o tema da projectada tese.

Motivada pelo que tinha lido, vislumbrei a possibilidade de realizar um trabalho de interesse sociológico na área da saúde. Iniciei uma análise documental exploratória, não sobre o desenrolar dos acontecimentos, mas centrada nos antecedentes históricos.

O estudo, realizado nas Bibliotecas Nacional de Lisboa, Municipal do Porto e do Ateneu Comercial do Porto, permitiu-me ir definindo o objecto, assim como o período histórico em que centraria a investigação.

No sentido de aprofundar o impacto e repercussão dos discursos sobre as práticas médicas em Portugal, iniciei a leitura de gazetas e revistas do século XIX: *Gazeta Homeopática Portuense*, 1853-1855; *Gazeta Homeopática Lisbonense*, 1859-1860; *Gazeta Médica de Lisboa*, 1859; *Gazeta Médica do Porto* 1848-1852; *Revista Médica de Lisboa*, 1844; *Revista Universal Lisbonense* 1841-1859; assim como os periódicos *Jornal da Sociedade das Sciencias Médicas* 1800-1900 e o *Instituto*,

1853-1860. Perante a escassez de trabalhos realizados em Sociologia histórica que me permitissem mapear o campo das Medicinas “não oficiais” em Portugal senti necessidade de aprofundar a pesquisa centrada no século XIX, de forma a preencher a lacuna de conhecimento existente sobre esta matéria. Corrigi o espaço temporal da pesquisa resultando no primeiro título: *O Discurso Autorizado sobre as Medicinas não Oficiais da primeira metade do século XIX em Portugal*.

No início do segundo ano de mestrado, a pesquisa avançou significativamente e propus apresentar o primeiro seminário, onde partilhei a necessidade de refazer o título e os objectivos da pesquisa. Após as leituras realizadas, considerei que não podia, de forma alguma, fazer uma análise do passado com o olhar do presente. Estava claro que não poderia falar de medicinas “não oficiais”, tendo em conta que ao longo do século XIX coexistiam vários métodos terapêuticos. Outra questão, não menos importante, se me levantou. Falar de discursos autorizados suporia ter que aprofundar os agentes que legitimavam os discursos. Este não seria o objectivo da análise em causa. Apenas a descrição e análise do campo discursivo, actores e controvérsias, de forma a criar um olhar sobre a arte de curar oitocentista, focando os níveis de assimilação/rejeição dos profissionais médicos perante propostas terapêuticas heterodoxas.

Deste seminário saiu a proposta do actual título: *Modelos Terapêuticos em Movimento no Portugal do Século XIX: actores, discursos e controvérsias*.

A pesquisa que seguidamente realizei teve como objectivo principal tentar mapear os Modelos Terapêuticos em Portugal ao longo do século XIX. Quando pensei em “mergulhar” no material recolhido até então pareceu-me ser uma tarefa demasiado ambiciosa, tendo em conta o tempo que dispunha na realização desta Tese de Mestrado. Ao conversar com a minha orientadora a Professora Graça Carapinheiro, achamos por bem centrar esta pesquisa apenas na primeira metade do século XIX. No entanto, quando comecei a inventariar os sistemas médicos da época, dei-me conta que seria difícil centrar o meu principal objecto de pesquisa nessa tranche da periodização histórica.

A grande movimentação em torno dos sistemas terapêuticos, e toda a polémica em torno dos mesmos, apareceu centrada precisamente a meio do século, o que nos fez reconsiderar o espaço temporal, alargando-o até ao final o século. Relativamente às fontes Bibliográfica, que foram muitas, desde obras de literatura portuguesa até aos grandes estudos históricos e sociológicos da época, aquele que

mais me facilitou esta inventariação foi o livro do Marechal Duque de Saldanha, *O Estado da Medicina em 1858*. Esta obra foi a base e ponto de partida para chegar ao objectivo principal desta tese de Mestrado.

Tal como, penso que possa acontecer em todos os trabalhos de investigação, este também passou pelas suas crises existenciais. Na medida em que fui avançando a pesquisa, tivemos a necessidade de redefinir não o objecto de estudo, mas a sua contextualização histórica e social de um ponto de vista de integração europeia. Para isso, contei com o olhar atento e a sapiência da minha orientadora, que soube sempre conduzir-me no melhor sentido, mesmo que me tivesse pesado, por vezes, deixar para trás muitas páginas escritas.

Caracterizar a Europa Moderna e “sentir” o olhar sociológico da época foi importante, na medida em que melhor pude entender e enquadrar a realidade social portuguesa numa Europa em movimento, “rompida” pelas forças da modernidade.

Se o objectivo persistia em inventariar os sistemas terapêuticos deste século das “explosões científicas”, senti a necessidade de recuar ao século XVIII, para melhor entender as novas heterodoxias médicas e, assim ir traçando os seus antecedentes.

O estado da saúde portuguesa desde os primórdios deste século fez-me “costurar” retalhos de textos que fui lendo com muito prazer e enquanto surgia uma melhor compreensão da emergência de muitos destes Modelos Terapêuticos do século XIX.

Gostaria de ter explorado melhor o último ponto: *Actores, Discursos e Controvérsias*, pois resumi ao essencial o material recolhido nas Gazetas da época. Para isso teria que ter tido acesso a outro tipo de fontes escritas, as quais já obedeciam a uma exigência de tempo mais alargado.

Os avanços e recuos ditados pelas sistemáticas alterações das regras de Mestrado, fez com que me sentisse desmotivada pelas vezes que tive que acrescentar ou diminuir os textos escritos. Um desprazer que agora, no final, reverteu em harmonia, pois assim pude meditar ao cortar e refazer ao colar.

Aqui deixo um trabalho de pesquisa que marca a minha visita aos pensamentos e teorias de tantos que já fizeram história na Sociologia da Saúde em Portugal.

2 - Europa Moderna do Século XIX

O século XIX foi um século de descobertas que maravilharam o mundo em todas as áreas da vida e do pensamento¹.

Com a revolução industrial e com as novas descobertas técnicas e científicas foram vários os países europeus que, a partir da segunda metade do século XIX, redesenharam vidas, ocupações, culturas e arquitecturas.

A máquina aparecia como o símbolo do domínio do homem sobre a natureza, e assim foi surgindo uma sociedade cada vez mais urbana que, a pouco e pouco, passou a desacreditar as velhas teorias da Igreja valorizando cada vez mais a ciência. Nesta Modernidade, o homem defrontou-se com um novo destino, o de pensar, de reflectir, de compreender e de explicar, percebendo que podia prescindir de Deus. Bastava-se a si próprio, com a sua inteligência, com a sua ciência, com a sua razão e com todas as suas invenções. Considerava-se senhor do seu próprio destino, substituindo a tradição e a religião pela razão, que podia captar, compreender, explicar e ordenar o mundo, dando-lhe um sentido.

O mundo desta época iluminava-se de muitas outras cores onde a sociedade parecia conquistar o controlo de seus actos, do seu presente, tornando-se emancipada do passado. A ciência conferia a muitos a ilusão do progresso, e assim se criava a ideia da resolução dos problemas materiais e espirituais: “abrandava o sofrimento, vencias as doenças, aumentava a fertilidade do solo”, dava “novas armas ao guerreiro”, “iluminava a noite com o esplendor do dia, ampliava o alcance do olho humano”, “acelerava o movimento, reduzia as distâncias”, “facilitava as comunicações”, e assim por diante. A ciência era incansável. “A sua lei era o progresso”².

Uma Europa industrializada que fez mexer as populações em várias direcções, tendo como consequência o êxodo rural, uma nítida manifestação de grande mobilidade geográfica das sociedades, principalmente na segunda metade do século³. Em boa parte pela forte atracção dos novos postos de trabalho, facto este que contribuiu para criar mudanças sociais profundas, pois estes afluxos fizeram

¹ Alargaram-se os horizontes das ciências, o que fez com que o homem da época, até então ligado a metafísicas obscuras, desvendasse um positivismo que o tornou crente das suas próprias possibilidades.

² Em 1837 Macaulay, no Ensaio *sobre Bacon* (Steiner, 1973, p. 18)

³ Apesar do êxodo rural, os camponeses foram sempre, até ao final do século XIX, a categoria socioprofissional mais numerosa.

com que as cidades se reordenassem tendo em conta que a estrutura da “velha” Europa já não correspondia às novas necessidades.

Estava em curso o desenvolvimento de uma sociedade urbanizada e industrializada, onde se dissolvia, de uma forma mais lenta ou mais rápida, a imagem da comunidade feudal. Foi na emergência desta sociedade civil em ampla transformação que surgiu o trabalhador livre, que contribuía com toda sua história de teias sociais e laborais para esta sociedade moderna.

Se por um lado a migração influenciava a demografia⁴, por outro a evolução económica ia modificando as categorias socioprofissionais, o que fez com que todas estas alterações se repercutissem na forma como se apresentava a estrutura social na segunda metade do século. Uma nobreza tradicional que até então tinha mantido posições muito fortes, numa Europa fortemente monárquica, passou a ser ameaçada pelas fracas rendas das propriedades, assim como pela evolução dos regimes políticos no sentido da democracia liberal. Surgia uma burguesia de negócios, que movida pelo capitalismo industrial e financeiro das empresas modernas, se foi apresentando como uma classe social conquistadora e ávida de poder.

O desaparecimento progressivo de inúmeras tradições rurais traduziu-se pelo aparecimento de uma cultura citadina de substituição, mais centrada no consumo individual que colectivo⁵. Mas a meados do século, as classes populares urbanas tornaram-se num grande potencial mercado de consumo cultural, na medida em que o nível de vida foi melhorando.

A moda, até então reservada às classes mais elevadas, foi chegando aos mais modestos com o aparecimento de bazares em Inglaterra e dos grandes armazéns em França. Surgiram também novas formas de lazer, bailes populares, tascas, tabernas, feiras, circos, comboios de recreio, corridas, futebol e, já no final do século, o cinema.

Um século que teve outros progressos, como o recuo do analfabetismo, com o grande desenvolvimento da leitura nos meios populares⁶. As populações, ávidas de saber assim como de promoção social, fizeram com que em muitos países

⁴ Do continente europeu partiram milhões de migrantes para destinos longínquos, como a América, África e Austrália e uma boa parte por motivos de opressões políticas, religiosas

⁵ Desarreigado, o novo proletariado das cidades, perdeu a sua herança cultural de origem rural sem encontrar nos meios urbanos uma tradição igualmente forte nos centros urbanos

⁶(...) Mas é também uma consequência do aparecimento, nesta época, de uma imprensa popular moderna muito acessível e de uma difusão maciça de romances populares de baixo preço (...) (Berstein, 1997, p. 262).

tornassem a instrução primária como ensino obrigatório e se criassem os primeiros liceus femininos e masculinos. Cresceram também as instituições culturais como museus, bibliotecas e editoras e surgiram os grandes teatros líricos como a ópera de Paris e de Viena, assim como os famosos coretos e as sociedades musicais. Este público que se apresentava culto na área das ciencias técnicas e sensível às descobertas e inovações manteve-se no entanto conservador e desconfiado dos vanguardistas da literatura e do domínio artístico em geral. Uma sociedade burguesa puritana que se caracterizava pelo seu alto moralismo, mais preocupada com a respeitabilidade, não se coibiu de condenar abertamente alguns escritores como Baudelaire, Oscar Wilde entre outros. Foi no entanto esta sociedade urbana que, na segunda metade do século XIX, fez com que a arte entrasse verdadeiramente nos circuitos da economia capitalista, tornando-se uma mercadoria como outra qualquer, sujeita às leis de mercado⁷.

A Europa gozava na segunda metade do século de uma expansão económica fora do comum e, como reflexo, em 1851, Londres promoveu a *Grande Exposição Internacional*, símbolo por excelência das maravilhas do século e pareciam já longínquas as revoluções de 1848 que pareciam ter assustado todo o mundo⁸.

Foi precisamente neste meio de século que o pensamento da velha Europa foi deveras abalado quando soprou o vento do evolucionismo e se abriu ao triunfo da ciência, dando entrada ao movimento positivista na Sociologia fundado por Augusto Comte. Manifestava-se a dogmática fé na ciência que se julgava capaz de resolver todos os problemas que se colocavam ao homem.

Uma opinião pública cada vez mais sensibilizada para os progressos científicos foi traduzindo essa nova paixão, com congressos científicos internacionais em todos os domínios da ciência com o fim de trocar saberes e experiências.

A Alemanha dominava nesta época boa parte da investigação europeia devido à excelente organização das suas universidades, onde os cientistas gozavam de liberdade, assim como de excelentes laboratórios ligados a empresas industriais. Em França, a *Escola Politécnica* assumia a investigação científica e a Inglaterra,

⁷ (...) Nos finais do século XIX, Paris era o maior centro cultural de arte, (...) onde os artistas, escritores e músicos do mundo inteiro vêm procurar a consagração, mesmo que existam na Europa outros pólos de renome, como Berlim, Munique, Viena, São Petersburgo e Milão (Berstein, 1997, p. 265).

⁸ (...) *Entre a grande exposição internacional de Londres, no Crystal Palace, em 1851 e a de Paris, em 1900, (...) contam-se pelo menos trinta e oito exposições universais que manifestam o extraordinário dinamismo da tecnologia (...)* (Berstein, 1997, p. 196)

estava um pouco mais atrasada devido ao fracasso parcial da segunda revolução industrial e aos fracos recursos tecnológicos.

O método experimental tirou proveito do avanço tecnológico desta época, que permitia a criação de equipamentos cada vez mais aperfeiçoados. A física e a química deram um enorme impulso científico, tornando caducos os princípios e os processos ainda genéricos, admitidos e praticados por alturas de 1850. A ideia de evolução andava no ar com Chambres que preparava o caminho para as teorias de Darwin, que fizera do pensamento científico o início dessa demarcação: “*o acontecimento científico mais notável do século XIX*”⁹. A revolução darwiniana não terá tido em Portugal o impacto que conheceu noutros países. No entanto, o meio filosófico e científicos de Coimbra revelam uma sensibilidade especial à problemática da transformação das espécies e Júlio de Matos assume frontalmente a teoria evolucionista e critica a resistência a esta por parte de muitos cientistas¹⁰. O livro, *A Origem das Espécies*, em 1859, explicava a evolução dos seres vivos por meio de uma adaptação ao meio envolvente, teoria que foi causadora de grande escândalo na Europa da época. Muitos países criaram resistência à expansão da teoria evolucionista; na Alemanha, a batalha a favor e contra esta teoria dividiu os naturalistas em dois blocos. Foram publicadas poesias, sermões, caricaturas, novelas, no sentido de ridicularizar esta teoria¹¹.

Os domínios do conhecimento multiplicavam-se. Mendel descobria os princípios da hereditariedade entre 1858-65 ao estudar ervilhas, trabalho que viria a abrir posteriores estudos na genética e Louis Pasteur, o químico e biólogo, deu um imenso contributo para a medicina ao mostrar a função dos micróbios na propagação das doenças. Eberth e Koch isolaram o bacilo da febre tifóide e da cólera e o francês Yersin isolou o bacilo da peste.

Não só se evoluiu ao nível dos laboratórios, como também das comunicações. O telégrafo surgiu pela mão de Morse em 1832 e a invenção do telefone por Bell, em 1876, revolucionaram a transmissão das ideias e da informação, afectando a vida política e social das populações. Por sua vez, o alargamento das redes ferroviárias fez com que fossem estimuladas toda uma série de progressos mecânicos, principalmente na área da metalurgia.

⁹ Taton, 1966, P: 15

¹⁰ Manique, 1988, p. 71

¹¹ Taton, 1966, p. 15

Foram todos estes progressos técnicos e científicos que transformaram a vida quotidiana das populações, com maior intensidade nas cidades. Os transportes modernos permitiram uma maior mobilidade das populações, não só ao nível do seu país, como além fronteiras, assim como também o desenvolvimento da imprensa, que fez com que os leitores se tornassem mais activos na vida social e política.

A Europa fervilhava. Em todos os salões, cafés teatros, museus e galerias surgiam ideias e invenções novas, que marcaram definitivamente a história da cultura e das artes. Na Alemanha, o escritor e poeta Goethe terminava a primeira parte de Fausto; em Viena Beethoven compunha a sua quinta sinfonia; e os ecos da independência americana faziam-se sentir em todo o planeta.

3 - O comboio que vinha de Paris – A sociedade moderna portuguesa

Enquanto nos primeiros sete anos do século XIX parecia não haver limites para a imaginação humana europeia e em Inglaterra o império era já movido a vapor e a nova tecnologia, inventada por James Watt em 1769, tinha dado origem ao tear mecânico, à máquina propulsora da revolução industrial, à locomotiva, ao navio e à impressora a vapor, por cá nada de novo se passava.

Do ponto de vista da vida colectiva, para Portugal os tempos de glória da grande metrópole dos descobrimentos pareciam ter ficado para trás. Em 1801, após a invasão e a derrota pelas tropas espanholas¹², ficou um Portugal muito fragilizado e os sinais de decadência estavam por todo o lado. Lisboa, a capital do império, há muito que tinha sido ultrapassada pelas suas vizinhas europeias e por cá vivia-se uma grande instabilidade social e política, que teimava arrancar as amarras dos costumes e tradições ancestrais¹³.

Portugal era considerado o mais católico dos países da Europa, o mais conservador e avesso às novas ideias. A força da igreja era enorme e cerca de dez por cento da população pertencia a ordens religiosas ou permaneciam dependentes de ordens monásticas¹⁴. Durante três séculos, a igreja manteve o povo e os seus

¹² Apoiadas pela França, num episódio conhecido como a “Guerra das Laranjas”.

¹³ Manique, 1988, p. 13

¹⁴(...) Só em Lisboa, uma cidade relativamente pequena, com 200 000 habitantes, havia 180 mosteiros. Praticamente todos os edifícios mais vistosos do país eram mosteiros ou conventos (...) (Cheke, 1947, p. 77) (...) Em 1816, um erudito estimou os números em 38 000 indivíduos, dos quais 14 000 nos conventos. O Clero era mais numeroso do que os empregados públicos (8 500) e os oficiais das forças armadas (2 000) (...) (Ramos, 2010, p. 467)

reis e nobres submissos e, por escrúpulos religiosos, a ciência e a medicina eram atrasadas ou praticamente desconhecidas.

Uma vida social pautada por missas, procissões e outras cerimónias religiosas, onde os comportamentos individuais e colectivos não só eram determinados como vigiados pela igreja católica¹⁵.

Em Portugal não existiam recursos próprios e vivia-se quase na total dependência do ouro, tabaco e cana-de-açúcar produzidos no Brasil que constituíam o eixo das relações comerciais. Para agravar a situação, a corte portuguesa partiu para o Brasil¹⁶ e antes de partir, D. João esvaziou os cofres do reino¹⁷. Sem rei, e sob um Conselho de Regência o país ficou na penúria e sem rumo e as guerras que se sucederam entre 1808 e 1814 contribuíram para um estado arruinado. Uma monarquia abalada pela preferência brasileira por parte do rei e a indignação patriótica formaram um solo fácil para revoltas, rumores e conspirações¹⁸.

A revolução de 1820, aliada à enorme fragilidade económica e às rivalidades ideológicas, levou ao êxodo de muitas *franjas da população*.¹⁹ Enquanto isso, uma nova elite surgia após a revolução, os Liberais, que provinham de vários grupos sociais e profissionais e que antes tinham pertencido a uma «nobreza». Ocorreram também mudanças nas atitudes e valores religiosos, o que tornou as vocações monásticas mais raras entre as famílias distintas.

Nos anos 30 deste século, apesar dos ainda graves problemas financeiros, importaram-se da Europa, as inovações. O caminho-de-ferro chegava a Portugal e, em 1842, foram instaladas seis máquinas a vapor aplicadas à indústria que, em 1852, atingiram o número de setenta, época em que algumas das maiores empresas na indústria, finança e agricultura do século XIX iniciaram actividade²⁰.

¹⁵ Em 1834 apelava-se à revolta social e ao entrar em meados do século os párocos passaram a ser na prática funcionários públicos encarregados de registos de nascimentos, casamentos e mortes e o governo passou a tutelar irmandades e misericórdias e controlava a e formação e a carreira do Clero.

¹⁶ Na manhã de 29 de Novembro de 1807, sob a protecção da armada inglesa, uma estratégia contra a ocupação de Portugal pelo Napoleão Bonaparte (Ramos, 2010, p. 440)

¹⁷ (...) Cerca de 80 milhões de cruzados que representavam cerca de metade das moedas que circulavam em Portugal (...) (Lima, 1996, p.16)

¹⁸ Ramos, 2010, p. 452

¹⁹ *A época era a mais desgraçada para um paiz: tínhamos guerra e quasi fome; a maior parte das famílias da Corte estava no Brazil e em França e quasi todos os homens, da parte que ficara em Portugal, militavam no exército (...)* (Barreto, 2003, p. 103).

²⁰ Ramos, 2010, p. 506

Também chegava a tendência para a desvalorização das tradições, a favor das inovações onde o indivíduo passou a ser visto como factor essencial de progresso. Os homens do Portugal de 1820 tentavam contrariar os manuais cívicos do século anterior²¹, mostrando-se empenhados em transformar Portugal num país onde se tivesse orgulho de viver tendo como fonte de inspiração cultural, a burguesia francesa, “ (...) O tédio invadia a capital portuguesa, o baixo nível cultural era mascarado por uma imitação grotesca da vida dos grandes centros mundanos europeus (...)”.

As Cortes de 1821 decretavam que cada cidadão podia imprimir, publicar, comprar e vender no estado português qualquer livro ou escritos²², no entanto, a sociedade portuguesa oitocentista seguia repetindo rotinas ancestrais em praticamente todos os domínios da sua existência, faltando o ambiente urbano e letrado. Culturalmente, destacava-se Lisboa que, ano após ano, ia acompanhando as tendências europeias e evidenciando algumas características das cidades suas contemporâneas²³ seguida de Porto, Braga e Coimbra.

Apesar da guerra civil de 1846-1847 ter deixado o país exausto e apesar das grandes convulsões europeias, o ano de 1848 foi vivido em Portugal de forma calma. Os estudantes da Coimbra entusiasmaram-se com a Revolução e os exilados comoveram os seus amigos com as descrições das barricadas de Paris²⁴. Era pelas três cidades portuguesas que a civilização europeia entrava, uma mentalidade progressista que, paulatinamente, se impunha através das linhas férreas que rompiam o nosso país.

O caminho-de-ferro era visto por alguns como uma perigosa inovação, que poderia tornar o nosso país vulnerável ao estrangeiro e dependente de Lisboa. Outros falavam do medo do que a Moderna Europa poderia trazer de nefasto. Outros ainda viam este como uma forma de salvar a nação portuguesa dos problemas de miséria e de que a maior abertura à Europa faria com que Portugal evoluísse.

Embora os liberais de 1834 exaltassem a classe média, dizendo que podia competir com os mais letrados da Europa, e embora houvesse zelo pela indústria, de nenhum modo se desejava uma mudança estrutural e ideal. Continuou a ser o

²¹Que denotavam um total desinteresse pela formação intelectual.

²²Serrão, 1989, V. X, p. 424

²³As poucas famílias ligadas à Corte e dependentes da Coroa mantiveram no início do século XIX um alheamento ao movimento intelectual europeu (Serrão, 1959, p. 180).

²⁴Um grupo revolucionário de Lisboa, a “*Conspiração de Hidras*”, acabaria na cadeia.

ideal de vida rural inspirada ainda pelo pastoralismo clássico²⁵. No entanto, aos poucos, Lisboa ia deixando de ser a capital de uma monarquia tropical. As modinhas brasileiras deram lugar à música de salão francesa e as novas tecnologias iam começando a traçar a sua história neste reino²⁶. A Corte de Lisboa passeava-se em cavalos ingleses e as mulheres abandonavam as rendas e o véu, para passar a usar chapéus vindos de França.

Graças aos novos eventos, Portugal viu melhorar a sua prosperidade na agricultura e na indústria, numa altura em que a Lisboa de final do século novas avenidas surgiam com novas galerias á semelhança de Paris. A nobreza deu lugar á classe média e os manuais de civilidade revelavam um esforço de adaptação a uma nova sociabilidade e a uma colagem aos modos franceses.

Os teatros cresceram e as termas como o Vidago, a Vichy portuguesa, ou praias como as do Estoril e Cascais, a Riviera portuguesa, adquiriram parques, hotéis e clubes à semelhança de França.

O ensino passou a ser visto como uma forma de prosperidade, apresentando-se como uma solução em duas frentes: por um lado ajudar a eliminar os resíduos de momentos evolutivos globalmente ultrapassados²⁷, pelo outro, dar ao homem instrumentos que o tornassem capaz de dominar a natureza, pois que para uma sociedade industrial dominar a natureza seria a única via de progresso.

Assistiu-se à necessidade de formar cientistas e técnicos, aptos a criar uma indústria nacional que promovesse o país ao nível das potências europeias e pensava-se que as medidas políticas não eram suficientes para “civilizar um povo” e para o erguer da “ignorância e da miséria”.

A crise da sociedade portuguesa era causada pela “falta de ciência”, dizia Ramalho Ortigão, e que muitos dos males dos portugueses deste meado de século eram causados pela falta de ciência, e sem esta não seria possível a existência de estabilidade e progresso.

Os acontecimentos dos meados de século e a Regeneração de 1851 dividiram literalmente o século XIX português em duas partes distintas, o período das ideias revolucionárias do Romantismo e o Realismo, uma corrente que veio em protesto

²⁵Foi o que propôs o poeta António Feliciano de Castilho em *Felicidade pela Agricultura* (1848) (Ramos, 2010, p. 512).

²⁶(...) *Os candeeiros a gás começaram a substituir os de azeite na iluminação das ruas (1848) (...) a fotografia divulgou-se rapidamente (...) e os que tinham emigrado trouxeram o gosto das modas e dos móveis estrangeiros (...)* (Ramos, 2010, p. 513).

²⁷Valente, 1971, p. 65

do idealismo subjectivo. Uma nova maneira de pensar, escrever e de fazer arte, enfatizando os acontecimentos e os dramas humanos²⁸, um realismo que acompanhava todo um movimento de ideias que punham em causa o estado liberal, apresentando o ideal de uma ordem social mais justa.

O século XIX tornou-se, na verdade, o mais “crítico”, isto é, o século “mais desunido”²⁹ da história europeia. Também os intelectuais portugueses estiveram conscientes deste estado de coisas antes de meados do século. No campo das ideias, a inspiração vinha do Positivismo de Auguste Comte tendo predominado em Portugal até ao fim do século XIX. As doutrinas socialistas que predominavam na Europa tiveram por cá uma audiência muito limitada, tendo aparecido com a geração de 1852, só vindo a conhecer uma nova e mais forte popularidade nos anos 70 e 80 com Antero de Quental³⁰.

Apesar dos esforços, para muitos ideólogos e doutrinadores, a característica essencial da sociedade portuguesa permanecia como uma sociedade tradicional, apenas superficialmente afectada pela evolução europeia. A necessidade de encontrar meios para remediar esta situação fez com que o Positivismo tivesse ganho força em Portugal, uma doutrina em reacção ao atraso do país³¹, um protesto contra a sociedade tradicional. Esta nova corrente chegou de uma forma polémica no final de 1860 à cidade de Coimbra, centro intelectual por excelência, onde convergiam as doutrinas do criticismo, do humanitarismo, do positivismo e do socialismo. O que se fez sentir na Universidade de Coimbra levou muitos alunos a escolher o exílio em França e Inglaterra, países de uma Europa que evoluía para mudanças significativas no campo do poder intelectual.

Os escritores e artistas portugueses foram influenciados pelos seus colegas europeus como Renan, Comte, Balzac e Flaubert³² e o jornalismo apareceu como o palco privilegiado onde o escritor tomava consciência da sua responsabilidade

²⁸Os problemas sociais aparecem na primeira linha de preocupação dos escritores e artistas do realismo.

²⁹Baumer, 1991, p. 15

³⁰Valente, 1971, p. 36

³¹Valente, 1971, p. 54

³²Surgem como as expressões mais importantes do Realismo em Portugal a poesia de Guerra Junqueiro, Antero, Gomes Leal, Cesário Verde, Gonçalves Crespo. Nas letras, o romance de Eça de Queiroz, a crónica de costumes de Ramalho Ortigão, a historiografia e obra doutrinária de Oliveira Martins (Serrão, 1989, p. 183).

cívica e reivindicava o seu papel de actor, de interventor e de modelador da opinião pública³³.

“Garret e Herculano descem à praça pública para fazerem ouvir aí a sua voz, para imporem as ideias em que empenharam as suas vidas (...) Castilho em suas campanhas pedagógicas em prol da educação e da felicidade pela agricultura, recorre à imprensa (...) Camilo, esse não poderia ignorar a imprensa, que cedo o atraiu (...) escrevia o que fosse (...) artigo polémico, notícia erudita, evocação sentimental, tudo lhe era pretexto para escrever. Na geração seguinte, Eça confiou na escola literária. Ramalhos na higiene, ginástica, corpo são em mente são. Mais grave, mais dramático mas mais genial também, Oliveira Martins punha a sua esperança na regeneração. Desenganado de Portugal Contemporâneo refugia-se no passado”³⁴.

Vivia-se em Coimbra um grande tumulto cultural com a chegada do caminho-de-ferro. Vindo da França e da Alemanha, trazia coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários e, à mistura, as leituras de Michelet, Hugo, Taine, Vico, Hegel, Baudelaire e Darwin. Eça de Queiroz, “Referindo-se aos seus tempos de estudante em Coimbra, fala dos inúmeros pacotes de livros que de França lá chegavam no comboio que já então circulava na linha da Beira Alta, pouco antes inaugurada”³⁵.

Na época de agitação de 1868-1871, em Lisboa, importavam-se as últimas modas intelectuais europeias: o Socialismo de Proudhon, a Associação Internacional de Trabalhadores, o Positivismo de Auguste Comte, a erudição científica das universidades alemãs e o estilo naturalista dos romancistas franceses.

Os Liberais haviam destruído a antiga sociedade portuguesa e a nova geração desenvolveu uma linguagem crítica da modernidade em Portugal com Eça de Queirós, que no romance os Maias pretenderam mostrar uma sociedade que queria ser aquilo que não era.

³³Os seus escritos soam como armas na defesa dos seus ideais cívicos e patrióticos, levando, em muitos casos, à prisão, ao exílio (...) *É um agitador, um apóstolo, um profeta.* (...) (Chorão, 1990, p. 34)

³⁴Chorão, 1990, p. 35

³⁵Idem, p. 36

No segundo quartel do século XIX, Antero de Quental criou o movimento Socialista em Portugal e a Geração de 70-, que veio pôr em questão toda a cultura portuguesa, desde as suas origens, fazendo renascer toda uma cultura tradicional portuguesa³⁶.

Graças ao comboio que vinha de Paris, passando por Coimbra, as novas ideias de Marx, Hegel, Comte, Michelet, entre outros, fermentou a base da *Geração de 70* e os livros que esse comboio transportava foram os responsáveis por uma espécie de redescoberta do próprio país, através de ideias filosóficas, políticas, socioeconómicas e também literárias vindas de França.

4 - A Modernidade no olhar dos sociólogos da época

O século XIX nascia sob o signo dos movimentos de protesto, as greves e as revoluções eram o palco das revoltas populares, tanto nos meios rurais como nos centros urbanos e industriais. Como resultado da revolução popular francesa, alemã e de outros países da Europa (1848-1849) por um lado, e da revolução industrial por outro, sucediam-se grandes transformações sociais, o que propiciava o surgimento dessas manifestações. Era este o ambiente dos trabalhadores do campo e da cidade, em busca de melhores condições de vida e de trabalho que exprimiam as desigualdades contra as quais lutavam.

A meio do século XIX, alguns dos principais fundadores da Sociologia, a nova ciência da Sociedade³⁷, viviam neste vasto cenário histórico que se constituiu na matéria-prima da Sociologia contemporânea da Modernidade. Ambas nascidas no berço da cidade industrializada, principalmente em Paris, que em meados do século XIX, era considerada a capital onde se decantavam as mais novas e típicas realizações materiais e espirituais da sociedade moderna.

A Sociologia surgia como uma forma de auto-consciência científica da realidade social tendo alimentado boa parte dos escritos de pensadores³⁸ que se alimentavam dos enciclopedistas e dos ensinamentos filosóficos de Hobbes, Locke, Montesquieu, Vico, Herder, Rousseau, Kant e Hegel. Todos unidos num propósito

³⁶Em 1871, Antero abre as Conferencias do Casino: «Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam, na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna; estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa. (...)» (Simões, 1880, p. 59)

³⁷Que se preocuparam em compreender e explicar a onda das revoluções que ocorriam na Europa do século XIX, principalmente as francesas assim como em outros continentes (Turner, 2002, p. 23)

³⁸Saint-Simon, Bonald, Maistre, Tocqueville, Comte, Burke, Spencer, Feuerbach, Marx, entre outros.

de compreender, explicar e responder às grandes transformações e às crises dos processos sociais que se traduziam em movimentos de protestos, de greves e de revoltas.

A revolução de 1848 em Paris repercutiu-se em toda a França e em toda a Europa, a época em que em Paris, viviam e trabalhavam, personalidades como: Tocqueville (1805-1859), Comte (1798-1857)³⁹ e Marx (1818-1883)⁴⁰. Estes e outros não menos importantes pensadores viviam na capital do século XIX, onde se revelaram os primeiros sinais da Sociologia e da Modernidade. Uma sociologia que se preocupou em mostrar que as máquinas, dotadas da propriedade maravilhosa de reduzir e tornar mais frutífero o trabalho humano, provocavam também a fome e o esgotamento do trabalhador. Altura em que surge uma das mais cruéis sátiras do mundo Moderno, com o herói solitário e triste Chaplin, numa das mais avançadas expressões da Modernidade.

Foi neste ambiente que a filosofia positiva de Auguste Comte⁴¹ germinou uma nova ciência, a Sociologia, ao desenvolver uma teoria daquilo a que chamava «sociedade *industrial* e científica», a característica principal de todas as sociedades modernas⁴².

Segundo esta teoria, as sociedades militares e teológicas estavam condenadas a morrer, eram já consideradas sociedades medievais, cimentadas na fé da igreja católica, e, um outro tipo de sociedade estava a nascer, trazendo uma nova maneira de pensar.

As sociedades modernas pertenciam aos sábios pensadores e as antigas sociedades eram da pertença de padres e teólogos, sendo que os primeiros substituíam os últimos enquanto categoria social que fornecia a base intelectual e

³⁹O filósofo e sociólogo francês que criou em 1839 o termo sociologia na 43ª lição do Curso de Filosofia Positiva para designar o estudo das leis relativas aos fenómenos sociais. Dividiu a Sociologia em dois ramos, a estática social que designava a interdependência das partes na sociedade, e a dinâmica social que obedecia às leis dos três estados: o teológico, caracterizado por explicações em termo de forças sobrenaturais e ao estado metafísico, onde dominavam as explicações abstractas a que sucederia o estado positivo, no qual a ciência das sociedades se apoiaria em factores observáveis.

⁴⁰Nascido na Renânia, fortemente influenciado pelos ideais da Revolução Francesa, um homem de inúmeras facetas: filósofo, economista, jornalista, historiador e sociólogo, foi um dos grandes pensadores do século XIX e um dos grandes agitadores políticos do movimento operário que consagrou boa parte da sua vida ao estudo e reflexão do capitalismo o que ele pensava ser o modelo das sociedades futuras.

⁴¹A Sociologia positivista fez muito adeptos e se tornou numa corrente de pensamento, e assinalou uma época importante da história das ideias.

⁴²Aron, 2010, p. 151

moral da ordem social⁴³. Esta substituição acontecia, segundo Comte, também a outro nível, pois também as novas classes profissionais como empresários, directores de fábricas e banqueiros estavam em vias de tomar o lugar dos homens da guerra. A partir do momento em que os homens pensassem cientificamente, a actividade maior das comunidades deixaria de ser a guerra, deixaria de ser a luta dos homens contra os homens e passaria a ser a luta dos homens contra a natureza e a exploração dos recursos naturais⁴⁴.

Além deste, mais pensadores traçaram uma imagem da sociedade moderna da primeira metade do século XIX, Marx e Tocqueville também teorizaram sobre a situação da crise social europeia e da natureza da sociedade que estava para nascer⁴⁵. Se para Comte, a sociedade moderna era industrial e se caracterizava pelo desaparecimento das estruturas feudais e teológicas, para Marx apresentava-se como uma sociedade capitalista, cheia de contradições internas. Por um lado, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção e a contradição entre as classes sociais votadas à hostilidade enquanto não desaparecesse a propriedade privada dos meios de produção. Considerou também que as sociedades modernas seriam industriais e científicas, por oposição às militares e teológicas.

Aos olhos de Tocqueville, a sociedade moderna da primeira metade do século XIX definia-se pelo seu carácter democrático, o que para ele significava a atenuação das distinções de classes e uma tendência para a igualdade progressiva da condição social e económica.

Da segunda metade, até ao final do século, outros três sociólogos, Vilfredo Pareto (1848-1923)⁴⁶, Durkheim (1858-1917)⁴⁷ e Max Weber (1864-1920)⁴⁸ continuavam a pensar que a sociedade europeia estava em crise.

⁴³Aron, 2010, p. 84

⁴⁴August Comte considerava que a sociedade industrial da época se estenderia desde a Europa Ocidental ao mundo inteiro, apesar de na época se viver numa situação de crise.

⁴⁵Estas sociedades modernas eram definidas por estes autores de maneiras diferentes.

⁴⁶Italiano, economista e sociólogo que definiu a sociologia, em oposição à economia, como a ciência das acções não lógicas.

⁴⁷O sociólogo francês que considerava a sociologia a nova ciência dos factos sociais e como tal deveria ter um método que lhe fosse próprio. Influenciado pela industrialização da sociedade francesa, criou profundas reflexões sobre a divisão social do trabalho e em 1898 o seu artigo «Os intelectuais e o individualismo» foram assumidos como um vibrante manifesto a favor dos direitos humanos.

⁴⁸Um sociólogo alemão contemporâneo de Durkheim que tentou analisar a actividade social, ou acção social, o seu objecto central de análise sociológica.

Durkheim associava a crise da sociedade moderna à não substituição das morais tradicionais assentes nas religiões. Para Pareto, esta crise advinha de que as proposições científicas não bastavam para unir os homens e para Max Weber a sociedade moderna estava em vias de se burocratizar. Na sua organização, ao crescer, crescia também em anonimato e burocracia e temia que essa evolução asfixiasse a escolha pessoal a acção e a fé.

Reflectiam estes três últimos nas relações entre a ciência e a religião e procuraram perspectivar o mundo europeu moderno relativamente a outras civilizações. Durkheim seguiu as pisadas de Comte, comparando a sociedade moderna com as sociedades arcaicas e levantou questões de coerência intelectual e moral de uma sociedade moderna dividida entre inúmeros especialistas de funções e ofícios. Falou da anomia, uma doença das sociedades modernas e industriais.

Pareto na sua cultura histórica referiu-se ao mundo antigo e ao mundo moderno comparando Atenas a Esparta e Roma a Cartago, enquanto Weber falou da originalidade da civilização ocidental comparando as religiões e as civilizações.

Marx e Weber foram os dois sociólogos, cujas obras se debruçaram mais sobre esta época histórica, não apenas para dar a conhecer a sociedade moderna, burguesa ou capitalista, mas com a intenção de explicar como ela se formou e transformou, de onde vinha e para aonde caminhava. Dois estilos de pensamento, duas interpretações da sociedade moderna e duas visões do mundo.

Toda a reflexão sociológica destes pensadores do século XIX buscou a compreensão e explicação das transformações e crises sociais da época como uma forma de conhecer e ordenar a vida social.

5 - A Saúde portuguesa no século XIX

No início do século XIX não era risonho o estado da saúde em Portugal, uma época de grandes carências humanas, às quais as Misericórdias faziam o possível e o impossível para minimizar o sofrimento e bem cumprir a sua missão de assistência.

O flagelo das invasões francesas deixara em completa pobreza milhares de famílias, sobretudo em Trás-os-Montes, nas Beiras e na Estremadura; o espectro

da morte rondava a velhice desvalida. Aumentou o número de indigentes e era elevado o número de crianças expostas à doença⁴⁹.

Vivia-se uma realidade complicada, pois, por escrúpulos religiosos, a ciência e a medicina eram atrasadas ou praticamente desconhecidas, fazendo com que muitos entendessem que a decisão entre a vida e a morte estava nas mãos de Deus e que não cabia à ciência interferir nesse processo⁵⁰. Foi o que sucedeu a D. José, herdeiro do trono e irmão mais velho do príncipe regente D. João, que morreu de varíola porque a sua mãe, D. Maria I, tinha proibido os médicos de lhe aplicar uma vacina, por acreditar que só Deus poderia dispor da vida do seu filho.

Os médicos, na sua maioria, continuavam ligados ao serviço militar e um grande número de cirurgiões exercia medicina, sem estarem para o efeito devidamente habilitados. Dentro deste contexto, as Constituintes foram obrigadas a legislar; devido a tantas carências que se faziam sentir, que “os cirurgiões não podiam exercer sem a competente autorização, dada após exame, pelo cirurgião mor do reino.”⁵¹

Os deputados empenhavam-se num regulamento da saúde pública, que se previa de urgente publicação:

“ Haverá quem diga, não há médicos bastantes para tratarem de todos os doentes, e por isso se deve dar licença aos cirurgiões para tratarem destes enfermos excedentes para que não fiquem de todo sem socorro (...) a medicina seria suportável se nós tivéssemos cirurgiões, mas em Portugal não há cirurgiões própria e particularmente tais: que é a Universidade, Academia, Colégio ou onde se ensine”.

A falta de médicos era apontada nas discussões das Constituintes como uma realidade mais sentida nas aldeias, onde as pessoas tinham por hábito recorrer a outro tipo de consultas que não as médicas⁵².

⁴⁹ *A comissão não pode ler sem grande mágoa a triste exposição da horrível mortandade dos expostos em Coimbra, vendo que a perda era de nove décimos dos entrados na roda. Verificando-se uma quase igual proporção com as crianças das outras casas de expostos do reino; (...)* Documento das Cortes Constituintes (citado em Oliveira, 1992, p. 36)

⁵⁰ Calmon, 1959, p. 34

⁵¹ Oliveira, 1992, p: 406

⁵² *“ Quanto à falta de médicos não duvido que haja alguma mas não é muito considerável, e talvez só a haja nas pequenas aldeias. (...) Como se poderá esperar que haja muito quem siga a medicina por amor do interesse, vendo que os chamados cirurgiões estão usurpando todo o lucro da prática*

Quando no primeiro quartel do século XIX muitas povoações ficaram sujeitas ao flagelo da peste, os poucos clínicos e cirurgiões não chegavam, e os meios ao dispor das populações eram reduzidos. Reclamava-se nesta época que as Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto deveriam dotar o país de um maior número de médicos e estender a sua acção de norte a sul do país⁵³.

Augustina Bessa Luís retratou muito bem esta época:

“Aquele Janeiro de 1833 (...) cada boato era um sobressalto e uma esperança; cada notícia, uma ameaça como a que anunciou a cólera e as várias doenças trazidas pela humanidade, a imundice, as valas cheias de água e de animais mortos. Os sinos não dobravam para não causar espanto. Mas todas as pessoas conheciam um caso, viam de repente alguém na missa que era tomado de um frio intenso, dum vômito; fazia-se uma clareira, as mulheres aplicavam á boca lenços com vinagre. Maldizia-se o general Solignac que tinha trazido a peste de Ostende com os recrutas belgas. Havia quem morria subitamente, como por colapso; outros duravam, com diarreias brancas e sangue paralisado que as sangrias não conseguiam fazer correr.”⁵⁴

A ausência de um corpo clínico satisfatório contribuiu para a grande mortandade que ocorreu em 1837, quando a varíola entrou pelo país e o rei foi na altura informado de que nas ruas de Lisboa os guardas-nocturnos encontravam pessoas doentes, a quem os médicos e cirurgiões recusavam dar assistência. D. Miguel estranhou tal procedimento, que entendia ser contrário aos deveres da profissão, dando ordem que se actuasse contra os faltosos⁵⁵.

Além da falta de médicos e da vaga de epidemias que assolavam a Europa, outras causas contribuía para o agravamento da saúde em Portugal na primeira metade do século XIX. As cidades do reino continuavam com graves problemas de insalubridade, cheias de lixo um pouco por todo o lado,⁵⁶ o que, para este quadro

da medicina (...) eis aqui claramente a razão da falta de médicos.” Discussão das Cortes em 1822, (Oliveira, 1992, p: 121)

⁵³Serrão, 1989, p: 336

⁵⁴Excerto retirado do livro *Fanny Owen (Luís, 2002, p: 155)*.

⁵⁵Serrão, 1989, p: 487

⁵⁶“*Eram espaços naturalmente conspurcados (...) animais que se passeavam pelas ruas, nomeadamente cães vadios, vacas e cabras dos leiteiros, a par de animais de transporte como cavalos, burros e bois*” José Augusto França, *Usos e Costumes, D. João VI e o seu Tempo* (citado em Braga, 2001, p: 129).

contribuíam os muitos rebanhos que atravessavam as cidades na época da transumância, agravando ainda mais a falta de limpeza das ruas não pavimentadas.

Em 1818 foi publicado um edital que proibia que fosse lançado lixo nas ruas da cidade de Lisboa⁵⁷. Uma estrangeira, tendo vivido em Lisboa no início do século XIX, numa carta que enviou à sua família descreveu Lisboa como sendo uma bela cidade, mas com ruas muito sujas e mal pavimentadas⁵⁸.

Com os poluentes que emitiam, as fábricas contribuíram também para esta insalubridade, situação que só em 1836 foi alterada pelo Conselho de Saúde. Além das fábricas, os matadouros, tripeiros e fressureiros, com o abate e tratamento de vísceras dos animais faziam com que nas cidades proliferasse, além do aspecto sujo e do mau cheiro, as águas sujas que podiam contaminar a saúde pública⁵⁹.

Se a higiene urbana era deficiente, quanto à higiene pessoal muito havia a fazer. As roupas de casa, assim como as de uso pessoal, só eram mudadas quando se apresentavam muito sujas, conceito que, decerto, não seria consensual enquanto a limpeza pessoal estava mais associada à mudança de roupa que às lavagens de higiene⁶⁰.

A regularidade dos banhos⁶¹ corporais era desconhecida nos inícios do século XIX e só no último quartel do século ganharam alguma notoriedade, com os tratados de hidroterapia que reclamavam a excelência dos tratamentos das águas. Era frequente o recurso à queima do vestuário e da roupa de cama dos enfermos, especialmente em tempo de epidemias. O médico Freitas Soares propôs em 1818 uma técnica para lavar as roupas de pessoas doentes, técnica essa que passaria por várias fases, de forma a garantir a não propagação do mal às lavadeiras. Relativamente ao melhor método terapêutico, até meados do século XIX, os médicos oscilavam entre as concepções dominantes do século anterior e a ciência cada vez mais experimental⁶², o que deixou um terreno fértil à medicina popular, onde se mesclavam o místico e o empírico.

⁵⁷Madureira, 1990

⁵⁸Geroges Demerson, 1994, *Une Bargneraire à Madrid e à Lisbonne de 1804 a 1816*, Arquivos do Centro Cultural Caloust Gulbenkian, V.33, Lisboa, Paris, p: 845, (citado em Braga, 2001, p. 132).

⁵⁹“ (...) Em 1837, o Conselho de Saúde, ao ser ouvido sobre a pretensão da edilidade lisboeta de abrir dois matadouros (...) formulou um parecer negativo, tendo em conta a necessidade de afastar tais actividades do centro das cidades”. (Braga 2001, p: 133).

⁶⁰Airiés, 1990, p: 443

⁶¹Os duches caseiros surgiram como uma grande novidade apenas no findar do século.

⁶²Mira, 1947, p. 3348

Nas zonas rurais, a medicina doméstica ocupava um lugar de destaque e a saúde passou, não só pelas mãos de pessoas qualificadas, como também pelas dos curandeiros, que eram, muitas vezes, preferidos pelas populações em tratamento de maleitas muito próprias da época, como a “espinhela caída”. Na sua maioria, as pessoas preferiam curar-se em casa ou recorrer aos barbeiros e curandeiros, sendo o hospital o último de uma variada lista de socorros.

A par dos anúncios das terapêuticas da época, abundavam os letreiros, que eram expostos tanto em casas particulares, como em estabelecimentos, prometendo a cura para as mais variadas maleitas. Na primeira metade do século XIX, na capital, encontravam-se letreiros caricatos, e por vezes ininteligíveis, *anunciando* tratamentos de barbeiros, curandeiros, tais como:

“José Moreira Duarte levanta espinhelas caídas”, “Sangrador, barbeiro, dentista e cirurgião tem óptimos unguentos e manipula as pilotas famosas do Porto vulgo de família”, Bichas de boa casta e pegadiças. Barbear, corta cabelos, faz barbas por casas particulares, sangra e aplica remédios” ou ainda “ Parteira que aprendeu fora”⁶³.

Tanto nas cidades como no campo era em casa que se realizavam os partos, pois só se recorria ao hospital em caso de pobreza ⁶⁴ e só havia recurso a parteiras em situações mais difíceis. Ser parteira era uma nova profissão que tendia a crescer devido à sua qualificação e geralmente eram elas que se deslocavam a casa das parturientes, mas também a sua casa servia de maternidade em muitas situações⁶⁵. No final da segunda década do século XIX, na capital, as parteiras começaram a ser postas de parte, a favor dos cirurgiões, que tinham ido habilitar-se na Inglaterra e Dinamarca⁶⁶ e eram presenças obrigatórias nos partos das rainhas. O Conde de Lavradio relata nas suas memórias o parto de D. Amélia, mulher de D. Pedro IV: “ quando em Paris, a 1 de Dezembro de 1831, nasceu a princesa D. Amélia,

⁶³ Braga, 2001, p: 143

⁶⁴ Airés, 1990, V. 4, p: 444

⁶⁵ “ *Rua dos Canos nº 2, 1º andar, mora Joaquina Rosa, viúva, com arte de parteira. Oferece sua casa para todas as pessoas encobertas com preço muito cómodo (...)*, O Grátis, Jornal d’Annuncios e do Comércio, nº 2095, de 30 de Outubro se 1846 (citado em Braga, 2001, p: 148).

⁶⁶ Estes eram acontecimentos públicos na época, pelo que neles participavam parteiras e médicos, (Carvalho, 1929, p. 46)

afirmando-se que para o evento tinham sido convidados os ministros dos reis da Suécia e da Baviera”⁶⁷.

O Portugal oitocentista inicia-se com um vasto leque de doenças infecciosas e doenças de nutrição, destacando-se as úlceras e outras maleitas gástricas. Doenças venéreas, doenças de pele, bronquites, reumatismo, febres, pneumonias, alienação mental, lesões de coração e contusões que, em muitos casos, levavam à morte e a vários padecimentos. A par destas, o reino foi assolado por epidemias, como a varíola⁶⁸ e a cólera⁶⁹ e proliferavam as epidemias de febres como a tifoide. Em 1813, a Junta de Saúde pediu para preservar o reino da peste, implementando algumas medidas como o estado sanitário dos portos, a quarentena dos navios.

Nesta época já se estudava a diabetes, prescrevendo purgantes, sangria, águas sulfurosas e abundavam as obras traduzidas sobre o aparelho digestivo, no entanto estavam muito atrasados os conhecimentos sobre as doenças do sistema nervoso. Os alienados eram encarcerados como se fossem animais violentos. Em 1848, o Duque de Saldanha, como Ministro do Reino, visitou o hospital de S. José em Lisboa e fez uma descrição, não muito favorável, do estado em que se encontravam depositados os alienados⁷⁰. Diz o Duque que eram mais dignas as prisões de feras que havia visto nos “pateos de bixos (...) habitações magníficas comparadas com os cárceres em que penavam os infelizes alienados”.

Existiam os lazaretos ou asilos para doentes e pessoas de idade por todo o país, estes também em circunstâncias calamitosas, ao ponto de os internados serem obrigados a mendigar nas ruas para poder sobreviver⁷¹.

Os tratamentos mais comuns continuavam a ser as fricções, vomitórios, purgantes, quina, éter, sangria, entre outras e era muito comum o uso de sanguessugas na terapêutica. Ainda em meados do século, na Gazeta Médica de Lisboa eram apresentadas as propostas de concurso para as investigações da

⁶⁷ *Memórias do Conde de Lavradio D. Francisco de Almeida Portugal comentadas pelo Marquês de Lavradio D. José de Almeida Correia de Sá*, Revistas coordenadas por Ernesto de Campos de Andrade, Vol. 2, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1993, p: 115 (citado em Braga, 2001, P: 150).

⁶⁸ Esta epidemia fez com que em 1812 a Academia Real das Ciências de Lisboa tivesse iniciado a Instituição Vacínica. A vacina Jenneriana era gratuita, tendo sido administrada em primeiro lugar aos órfãos da Casa Pia e após bons resultados foi estendida ao resto do país.

⁶⁹ Em 1833 atracou um navio inglês na cidade do Porto trazendo esta epidemia

⁷⁰ Ao pedir que lhe abrissem uma porta que lhe havia causado alguma interrogação, e onde supostamente estaria apenas um “*doido furioso*”, deparou-se com uma “*grade de ferro, e junto delia um homem mirrado, que apenas “ suplicou um copo de água pelo amor de Deus*” (Saldanha, 1858, p. 149)

⁷¹ Esculápio, de 3 /7/ 1850

Academia Real das Ciências de Lisboa e destas constava uma proposta com o seguinte teor:

“ Estudar as localidades do nosso paíz, onde se crie naturalmente a sanguesuga / hirudo medicinalis L.), ou qualquer outra espécie análoga pelas suas applicações medicinaes: indicar os melhores meios de effectuar n’essas localidades a criação artificial d’estes annellides.”⁷²

Aos poucos, a medicina preventiva foi ganhando força no combate às epidemias, com o uso de vacinas, de fiscalização sanitária, e as Cortes de 1821 deram maior atenção no controle das habilitações dos profissionais de medicina⁷³.

No início do século XIX, a visão holística do século anterior dominava, tanto na medicina dos práticos, como na dos académicos, e os curandeiros seleccionavam e aplicavam tratamentos que restituíssem o “Funcionamento Normal” ao organismo como um todo⁷⁴. Um século ainda profundamente impregnado de ambientalismo e de humores na interpretação das doenças e que se manteve até ao último quartel numa situação de penúria médica⁷⁵ permitiu que o curandeirismo aumentasse os tratamentos, as mezinhas e miasmas mais ou menos tradicionais.

Em 1871, a Junta de Previdência Literária chama a atenção a D. José para o avultado número de cirurgiões, de boticários, de barbeiros, de charlatães, de segredistas, de mezinheiros, de impostores e até de mulheres curandeiras, que praticavam medicina pelas cidades, vilas, lugares e campos do reino de Portugal⁷⁶. A superstição, a astrologia, a horoscopia e a magia dominavam ainda grande parte das actividades médicas mantendo-se o hábito de séculos de atalhar a doença através de feitiçaria: “ (...) As populações indefesas, por falta de médicos, entregavam-se a estas práticas, embora não muito crentes (...).

Na primeira metade do século XIX, medicina e cirurgia eram ensinadas à margem da lei, em locais públicos, com a conivência dos facultativos que, para serem aceites, davam protecção e amparo a toda a sorte de curandeiros. Um ambiente altamente propício ao charlatanismo, tanto no meio rural como urbano,

⁷²Gazeta Médica de Lisboa, 1 de Março de 1859, Tomo 1º

⁷³Oliveira, 1992, p: 65-89

⁷⁴Lindemann, 2002, p. 9

⁷⁵O papel que cabia ao médico era insuficiente, pois nem todo o reino era assistido por estes. Muitas populações na raia de Espanha costumavam chamar os médicos vizinhos.

⁷⁶Lindemann, 2002, p. 79

onde a medicina popular era exercida por curandeiros, barbeiros e droguistas alheios à medicina moderna e à farmácia⁷⁷. Por todo o país abundavam os charlatães, desde Vila Nova de Gaia, Penela, Tomar, entre outras, fazendo concorrência directa com os médicos e cirurgiões.⁷⁸

O uso de medicamentos elaborados em casa, ou por alguém que se sabia capaz, não era prática apenas de alguns, atingia as camadas mais elevadas da sociedade da época⁷⁹. Como se isso não bastasse, os poucos médicos portugueses viam-se preteridos em relação aos médicos ingleses aquando da permanência das tropas inglesas no ano de 1820⁸⁰.

No ano de 1822, as Cortes Constituintes discutiam a existência de charlatães e impostores que se apelidavam de médicos, quando na verdade nunca teriam terminado o curso⁸¹. Falsos médicos que causavam estragos na saúde e vida do povo, impedindo ainda o progresso da ciência⁸².

Nas proximidades de Lisboa aumentavam em número pessoas que, ligadas à medicina, cirurgia e farmácia, exerciam funções sem estarem habilitadas, o que também acontecia nos centros urbanos. Os boticários realizavam consultas e confeccionavam as drogas secretas; em Lisboa eram muitos os farmacêuticos com botica apresentando documentos de habilitação falsos *“pois se sabia que tinham apenas três únicos annos de practica”*⁸³. Muitos que haviam chumbado nas escolas médico-cirúrgicas, apoiados numa botica de um amigo farmacêutico realizavam sangrias, entre outros tratamentos, pois a botica e o boticário tinham grande valor

⁷⁷“ (...) Fora da Universidade, ficando os cirurgiões sem bases literárias e scientificas, sem auxílio das doutrinas médicas (...) em quasi todos os concelhos se queixavam amargamente os facultativos por verem prejudicados os seus interesses, desconsideradas as suas habilitações científicas, e postergadas as leis relativas ao exercício ilegal da medicina” (Gazeta Médica de Lisboa, de 16/8/1859)

⁷⁸As “freguezias rurais estavam infestadas de curandeiros”, Esculápio de 29/ 1/ 1851

⁷⁹Em 1844, a Rainha D. Maria II, por se sentir “*definhar*”, mandou chamar um curandeiro de Famalicão, porque os seus médicos não a conseguiam libertar do incómodo (Lemos, 1974, p. 136)

⁸⁰Reis, 2005, p. 159

⁸¹(...) *Disto mesmo se estão queixando todos os estrangeiros escritores de terapêutica, porque em todas as nações tem havido o mesmo desmazelo (...) enquanto não for remediada a medicina prática não pode dar um passo firme no seu adiantamento (...) enquanto a prática estiver usurpada na totalidade por charlatães e na restante perturbada pelos mesmos. Necessidade da extracção da classe dos impostores ou homens que curam de Medicina sem serem médicos (...) proibir-se inteira e absolutamente, o poder de receitas de, em toda e para qualquer moléstia, a todos os que não forem legítimos facultativos de Medicina isto é: a todos os que não são bacharéis formados em Medicina pela Universidade de Coimbra, ou por alguma outra acreditada (...), Discussão nas Cortes Constituintes de 1822 (in Oliveira, 1992, p.119)*

⁸²Discussão nas Cortes Constituintes de 1822 (in Oliveira, 1992), p. 117

⁸³Segundo o Regulamento Geral da Saúde Pública de 1821, tanto os médicos como os boticários e parteiras, pertenciam ao grupo de empregados da saúde. As Cortes aprovaram, em 1822, um artigo que punia todos os que destas profissões curassem no reino sem título legítimo

social⁸⁴. A botica tinha uma acção muito próxima da tão comum medicina caseira, substituindo o médico e o boticário valorizado pelo seu conhecimento químico e tido como responsável pelo “fabricar a cura”. Era muito comum ser colocada publicidade da época a anunciar os remédios que se fabricavam no próprio local, uma prática vinda dos séculos anteriores.

Os médicos, cirurgiões e cirurgiões - barbeiros preferiam viver nas cidades, pela proximidade dos hospitais, o que fez com que o resto do país não fosse suficientemente assistido.

O charlatanismo só foi perdendo terreno a partir da segunda metade do século XIX, o momento em que os médicos se assumem como profissionais considerados e de influência na vida social. Para o doente do século XIX, o médico era visto com desconfiança e se era consultado, era-o dentro de um leque de praticantes dos que podiam remediar a sua aflição.⁸⁵

Maximiniano Lemos descreveu os clínicos e boticários do século XIX como pessoas que além das ciências, também cultivaram as letras e as artes; no entanto, eram vistos por alguns, com algum cepticismo. Uma ideia que não partia apenas dos menos letrados ou de pessoas de baixo nível cultural. Encontramos essas expressões em alguns livros de escritores da época:

*“Levando um velho avarento
Uma pedrada no olho,
Põe-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.
Certo, doutor, não das dúzias,
Mas sim do médico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito”.*⁸⁶

Nos inícios do século, os meios de diagnóstico eram rudimentares e muitas das experiências clínicas tinham como cobaias os órfãos e desvalidos. Nas cirurgias eram usados vários tipos de material, assim como medicamentos tão diversos

⁸⁴Pita, 1996, p: 202

⁸⁵Em 1843 escrevia-se em Portugal que já Rousseau teria dito que os médicos faziam aos homens mais males do que curas, No livro Camilo e os Médicos, (Lemos, 1974, p.73)

⁸⁶Disponível em : Bocage, <http://tertuliabocage.blogs.sapo>

como bórax, farinha de pau, flor de sabugueiro, goma-arábica, leite de burra, ópio, entre outros⁸⁷.

O primeiro estetoscópio foi inventado em 1816 por Laënnec⁸⁸, e o termómetro clínico começou também a ser usado nesta altura, facto que veio revolucionar o diagnóstico do doente. Na prática da sua profissão, o médico do século XIX visitava os seus doentes, avaliando o estado pelo seu temperamento e compleição, através da medição da febre pelo toque na testa ou sentindo o peito: avaliando as fezes e a urina pela visão, cheiro e ocasionalmente pelo gosto. O exame físico dependia da decifração correcta dos sinais externos e para tal eram usados os cinco sentidos, podendo palpar uma hérnia, mas raramente sondava os orifícios, especialmente os femininos. Escutava o coração e a respiração do doente, e prestava especial atenção ao que o doente tinha para dizer⁸⁹.

Os valores sociais da época impediram as mulheres portuguesas de ser reconhecidas como profissionais de saúde tendo sido raras as que deixaram os seus nomes nos registos hospitalares⁹⁰.

Era neste ambiente que os homens do século XIX português iam repetindo, discutindo e construindo modelos terapêuticos capazes de solucionar os “azares” da saúde em Portugal.

5.1 - A Herança das Luzes

Para melhor entender a emergência de diversos modelos terapêuticos em Portugal durante o século XIX, tornou-se necessário recuar na história de forma a encontrar os traços gerais da uma medicina oitocentista.

A Revolução Francesa aparece como o marco do início de uma nova era na Europa onde as relações diplomáticas se assumiam como as principais “pontes” na divulgação da moda, hábitos e ideias liberais. Os comportamentos nas diversas

⁸⁷Braga, 2001, p: 155

⁸⁸Laënnec, um dos nomes mais famosos da geração dos médicos franceses pós-1800, que insistiam em que a medicina devia tornar-se uma ciência e que acreditavam que o diagnóstico científico constituía a sua parte essencial.

⁸⁹Os detalhes da narrativa eram mais importantes do que o exame físico, Idem

⁹⁰Amélia dos Santos Costa Cardia, uma das primeiras médicas portuguesas, nasceu em Lisboa. Matriculou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa no ano lectivo de 1886. Mereceu louvor da direcção do Hospital pelo trabalho desenvolvido. Fez tese de doutoramento com o tema "Febre-amarela". Estudou e foi médica com consultório na Praça de Camões, em Lisboa, onde aos sábados consultava gratuitamente. Disponível no site: <http://www.leme.pt/biografias/80mulheres>

áreas da vida dos portugueses tendiam para o afrancesado, estilo este que vinha já marcando os hábitos e se manteve ao longo do século XIX e inícios do século XX⁹¹.

A Europa havia sido assaltada pelo inconformismo, na tentativa de romper com as certezas definitivas sobre a vida e em que a inquietação foi além do pensamento e se expandiu na geografia do planeta; uma época de exílios voluntários ou forçados, de viagens, de expedições, entre outros contactos que foram aos poucos formando a história cultural e social da Europa.⁹²

A segunda metade do século XVIII foi uma época de grande efervescência intelectual, tendo como resultado o afastamento das ideias metafísicas⁹³. As teorias de Newton deram compreensão aos fenómenos da natureza que ainda careciam de explicação. Por outro lado, a demonstração de que o corpo dependia tanto de leis físicas, como de operações químicas, fez com que a oposição entre a latromecânica e a latroquímica⁹⁴ deixasse de ter razão de ser.

Os eruditos do século XVIII renderam-se e inspiraram-se nos diferentes sistemas que foram desenvolvidos nos países do norte da Europa, como o Stahlismo⁹⁵.

A escola francesa de Montpellier foi a que mais se interessou pelas inovações, tendo criado uma divisão entre os mecanicistas e os novos vitalistas. O vitalismo⁹⁶ dominava a medicina em meados do século, até época adiantada do século XIX, e todas as doenças eram entendidas, nesta época, como perturbações da força vital. Enquanto na restante Europa, a medicina iluminista centrava a sua atenção na construção de sistemas médicos, tendo nas figuras de Boerhaave⁹⁷ e Sthal, os seus principais sistematizadores, em Portugal a preocupação estava centrada em

⁹¹ «(...) Nem podia ser de outro modo; já no pátio da Universidade, já no largo do Rossio, eu fui educado e eduquei-me a mim mesmo, com livros franceses, ideias francesas, modos de dizer franceses, sentimentos franceses e ideais franceses.» Eça de Queiroz em carta a Oliveira Martins, 10 Maio de 1884, enviada do Hotel du Cheval Blanc – Augers (Cidade, 1985, p: 58).

⁹² Por motivos e em circunstâncias diferentes, nos séculos XVIII e XIX, tal como nos séculos XV e XVI, a visão directa do largo Mundo esclarece a visão da própria terra (Cidade, 1985, p: 14)

⁹³ Numerosos médicos, além de intelectuais de todas as áreas, aderiram grande movimento *Encyclopédie*.

⁹⁴ O primeiro sistema a romper abertamente com o galenismo baseado numa interpretação química dos processos fisiológicos, patológicos e terapêuticos. A latroquímica, um sistema formulado na segunda metade do século XVII pelo holandês Franz de le Boe (Sylvius), (1614-1672), e pelo inglês Thomas Willis, (1621-1675).

⁹⁵ Desenvolvido pelo químico Georg Stahl (1660-1734). Segundo este animista, as teorias mecanicistas opõem-se ao conceito adoptado de que a “Anima”, ou “alma sensível”, é que é responsável por todas as trocas realizadas no interior do corpo impedindo a morte.

⁹⁶ Anexo nº 3, p.76

⁹⁷ O clínico holandês de Leyd, Boerhaave (1668-1738) criou um sistema denominado o *communis Europae praeceptor*, foi o que mais padronizou e influenciou a medicina europeia durante o século XVIII.

reconquistar a liberdade após o domínio castelhano. Este facto justifica o nosso imenso atraso em cultura e ciência em relação a outros países da Europa, pois muitas das descobertas científicas não chegaram a atravessar as nossas fronteiras e, se o fizeram, não despertaram interesse entre nós.

Só no decorrer do século XVIII, após longa convalescença, é que o nosso reino mostrou ter conhecimento do que se ia passando no mundo, criando academias científicas, algumas publicações periódicas, traduzindo-se livros do francês e do inglês, e retomando-se o ensino de Medicina em Coimbra e da Cirurgia em Lisboa. Até ao final do século XVIII, a medicina que se praticava em Portugal assentava na tradição galénica, assente na doutrina humoral de Hipócrates, em que era considerado saudável um organismo que estivesse de acordo com os quatro elementos⁹⁸. De acordo com este pensamento, alguns humores tinham certa preponderância sobre outros, e este desequilíbrio proporcionava diferentes temperamentos⁹⁹. O organismo doente podia também ser resultado das estações do ano, ou devido a três possibilidades: a das causas externas como venenos, alimentos, sol e vento; ou das causas internas ou constituição interna do organismo e, por último, à junção das causas internas e externas. A idade era também tida como um factor explicativo e relevante para os desequilíbrios humorais.

A saúde poderia ser restabelecida, tanto através da cirurgia, como da dietética ou da farmácia. Para o sistema galénico, o medicamento deveria provocar efeito contrário aos sintomas, as doenças quentes deveriam ser tratadas com medicamentos frios e as húmidas com medicamentos secos¹⁰⁰. Uma terapêutica que promovia a evacuação dos fluídos do interior do organismo, com o objectivo de equilibrar os humores, aplicando purgantes, sangrias, clisteres, ventosas e diuréticos.

Pelo nosso reino a fidelidade a Galeno manteve-se durante muito tempo, o que dificultava a entrada de outros sistemas médicos, mas o interesse de alguns pela latromecânica de Boerhaave começou quando a fama deste médico chegou a

⁹⁸Terra, Água, Ar e Fogo teriam que estar em equilíbrio com os diferentes humores, sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, e onde os três espíritos, vital, natural e animal, desempenhavam adequadamente suas funções de coordenação dos processos fisiológicos (Lima 1943, p. 18).

⁹⁹Sanguíneo (com predomínio do sangue), fleumático (com preponderância da fleuma ou pituíta), melancólico (com supremacia da bile negra) e colérico (com ascendência da bile amarela) (Pita, 1996, p. 32).

¹⁰⁰Era tido como base o princípio hipocrático *contrário contrariis*

Portugal a meados do século XVIII. No entanto, a escola de Leyde dominava já o panorama das ciências médicas na Europa¹⁰¹.

Todos os sistemas terapêuticos de então sofreram maior ou menor influência do vitalismo no final do século, época marcada em toda Europa com o termo das doutrinas galénicas, tanto na medicina, como na farmácia. Os tradicionais conceitos de “*humor*” foram dando lugar ao conceito de “*fibra*”, que foi assumida como sendo o elemento fundamental do organismo.

As doutrinas vitalistas despertam em pleno iluminismo médico¹⁰² com John Brown (1735- 1778) e William Cullen (1712- 1790), dois dos seus maiores propagadores de finais do século XVIII, tendo chegado esta influência à Universidade de Coimbra.

Os vitalistas situavam-se no meio-termo entre o mecanicismo e o animismo, negavam-se a reduzir o ser vivo em estado de saúde ou enfermidade a uma máquina física ou química. As escolas de Montpellier e Edimburgo foram os principais centros do vitalismo médico que desejavam explicar a vida mediante um “*princípio*” ou “*força*” existente no corpo. William Cullen, figura principal do vitalismo escocês, formulou um sistema segundo o qual as propriedades vitais eram transmitidas aos tecidos orgânicos pelo sistema nervoso, mediante um fluído semelhante ao éter de Newton¹⁰³.

A França dividiu-se entre os mecanicistas e os novos vitalistas, pensamentos que apaixonaram os eruditos da época, inspirando numerosas dissertações que exerceram uma longa influência sobre o pensamento médico¹⁰⁴.

5.2 - De Olhos postos na Europa

Nos alvares do século XIX e até bem tarde, o panorama doutrinal médico português era influenciado pelas concepções vitalistas, uma época em que a medicina da restante Europa ainda não tinha encontrado justificações científicas credíveis para

¹⁰¹António Nunes Ribeiro Sanches, 81699-1783), médico português e grande intelectual, considerado por muitos como um verdadeiro enciclopedista (médico, filósofo, pedagogo, historiador), escreveu dezenas de manuscritos, sob a influência do pedagogismo no século das Luzes. Na medicina distinguiu-se na venereologia, sendo por isso também chamado o *médico dos males de amor*. O seu nome consta na fila dos grandes mestres do pensamento europeu da sua época. O Marquês de Pombal aproveitou muito do seu saber para implementar a sua acção cultural e científica em Portugal.

¹⁰²Segundo estas, o organismo humano não poderia ser comparável, nem a um sistema químico, nem a uma máquina. Deveria no organismo existir um princípio vital, ou força capaz de lhe fornecer uma individualidade.

¹⁰³Piñero, 1985.

¹⁰⁴Sourina, 1992, p. 199.

a interpretação de diversas patologias. Os argumentos das doutrinas vigentes não se encontravam validados, apesar de todos os esforços e diversas atitudes terapêuticas que caracterizavam os clínicos da época.

A conversão da medicina, particularmente da patologia, numa ciência mais próxima das experiências laboratoriais das ciências físico-químicas foi um dos principais objectivos a atingir pelos clínicos e cientistas médicos do século XIX. Uma transformação ocorreu logo nos inícios do século XIX e teve em Bichat¹⁰⁵ o seu pioneiro: a doença passou a ser vista como resultado de uma lesão anatómica. Desenvolveu-se também a homeopatia fundada por Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843) em 1779, um método terapêutico cujo princípio básico é: “os semelhantes curam-se pelos semelhantes”. A fisioterapia e outros meios terapêuticos, como a talassoterapia, a climatoterapia, a hidroterapia e a cinesioterapia também evoluíram significativamente.

Logo após 1800, a ciência médica foi revolucionada pela medicina e pelos professores franceses e aos poucos surgindo a verdadeira idade da Ciência fazendo com que os médicos sentissem a necessidade em adquirir conhecimento e práticas científicas.

No decurso da primeira metade do século XIX, os estudantes da Europa e da América do Norte afluíam “em bandos” para França:

“ (...) Homens jovens que estudavam em Paris retornavam para casa para desfraldar a bandeira da medicina francesa (...) imitando o exemplo francês, a educação médica em todos os lugares, cresceu mais sistemática e cientificamente. Estimulado por professores que haviam estudado em Paris (...)”¹⁰⁶.

Neste contexto, os médicos, cada vez mais conscientes do seu papel e poder corporativo, começaram a criticar a competência dos religiosos dentro dos hospitais. Reclamaram a criação de escolas de enfermagem e é a Inglaterra que dá o exemplo com Florence Nightingale¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Marie Francois Xavier Bichat, (1771-1802), anatomista e fisiologista francês, lembrado como o pai da moderna histologia e patologia. Introduziu o conceito de tecido e sustentou que doenças atacavam os tecidos em vez de todo o órgão. Uma das figuras mais marcantes do Vitalismo, a corrente filosófica que se expandiu pela Europa como reacção ante o materialismo mecanicista que tinha há imperado durante a primeira parte do século XVIII.

¹⁰⁶Porter, p: 176

¹⁰⁷Florence Nightingale (1820 – 1910) tratou dos feridos durante a guerra da Crimeia. Em Outubro de 1854, uma equipe de 38 enfermeiras voluntárias treinadas por ela partem para os Campos de

Foi neste século que se alteraram alguns preconceitos arcaicos em relação a certas doenças como o caso das doenças mentais que deixaram de ser alvo de tratamentos punitivos, desde que foram entendidas como problemas de ordem orgânica. Em França, Pinel (1745-1826), o médico que bebeu as teorias vitalistas de Montpellier obteve em 1796, permissão para remover as correntes a cinquenta doentes insanos e em Londres William Tuke libertava os alienados das condições miseráveis em que viviam e dos tratamentos humilhantes a que eram submetidos, prática que se estendeu rapidamente ao resto da Europa.

O mapa dos saberes foi profundamente alterado ao longo do século, com o surgir de novas disciplinas, como a biologia, sociologia, psiquiatria e a expansão de outras e o laboratório assumiu um papel importante na produção e transmissão do saber: uma prática que criou as condições para validar ou questionar o conhecimento.

Em Portugal foi sentida a necessidade de criar laboratórios experimentais, à semelhança de outros países da Europa¹⁰⁸:

“ (...) Até 1815, os homens de génio de que se pode orgulhar cada século é pequeno. No século XIX torna-se enorme: o génio desabrocha em toda a parte, nas letras e nas artes, na política, na técnica e na ciência. (...) O século XIX era portanto o único em que os génios se mostravam numerosos e cognoscíveis. (...) Mais do que na política e na arte, é na ciência que são importantes as definições que se impuseram por volta de 1800. (...) Inúmeros cientistas têm a impressão de que a ciência descobriu as próprias molas do mundo, de que ela descobriu Deus”¹⁰⁹.

As universidades e escolas superiores organizaram-se um pouco por toda a parte e a figura do cientista amador foi sendo substituída pela dos profissionais, que eram principalmente professores universitários. O professor catedrático foi sempre visto

Scurati localizados na Turquia Otomana. Florence Nightingale voltou para a Inglaterra como heroína em Agosto de 1857. Criou a escola de enfermagem em 1859 no Hospital Saint Thomas, em Inglaterra, com curso de um ano, era ministrado por médicos com aulas teóricas e práticas. Em 1883, a Rainha Vitória concedeu-lhe a Cruz Vermelha Real e em 1907 ela se tornou a primeira mulher a receber a Ordem do Mérito.

¹⁰⁸“ *Uma faculdade de medicina sem laboratórios assiste de braços cruzados ao andamento progressivo dos trabalhos estranhos; e nada produz que possa oferecer um convívio científico de outras nações (...)*”(Simões, 1880)

¹⁰⁹Taton, 1966, p.12 / 15

como um investigador e, ao lado das salas de aula, existia sempre um laboratório ou um gabinete de investigação¹¹⁰.

Os cientistas da primeira metade do século XIX manifestavam um interesse crescente pelo Sonambulismo, Mesmerismo, Magnetismo, e Hipnotismo. Por sua vez, a natureza e a causa das doenças ganharam nomes fantásticos, propondo-se como formas de tratamento a Hidroterapia e o Vegetarianismo e na medicina continuou a crença nos fluídos magnéticos, no magnetismo e na cura das águas.

6 - Os Sistemas Terapêuticos em Portugal no século XIX

Na investigação realizada foi possível inventariar os sistemas terapêuticos em voga no reino de Portugal. Com maior ou menor relevo, todos eles vinham sendo abordados nas páginas dos jornais, gazetas e revistas da época. Parecia viver-se num reino onde todos podiam chegar perante as incertezas terapêuticas que a medicina ortodoxa da época oferecia. Fruto de muitos cursos realizados no estrangeiro, principalmente em Paris, os nossos facultativos iam compondo a manta de retalhos da saúde no Portugal de oitocentos.

A dada altura, e com a criação da *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* surgiu a necessidade de criar ordem no reino. Foi então que, no ano de 1835, "(...) No dia 18 de Maio se reuniu nesta cidade de Lisboa hum certo número de Médicos, Cirurgiões, e Farmacêuticos, que animados pelo verdadeiro zelo da Arte de curar formarão o nucleo de uma nova associação (...) ¹¹¹. Desta reunião na *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* saíram «oficialmente» considerados, três os principais ramos da arte de curar em Portugal: a em primeiro lugar a Medicina que tal como a cirurgia era ensinada à margem da lei em locais públicos com a conivência dos facultativos que, para serem aceites, davam "protecção e amparo a toda a sorte de curandeiros"¹¹².

Eram considerados médicos apenas os que tivessem um diploma da Universidade de Coimbra que conferia superioridade intelectual à medicina, prática que não se podia confundir com os ofícios mecânicos ou comerciais.

A segunda arte de curar oficial era a Cirurgia, sendo que os diplomados pelas Escolas Régias de Cirurgia ficavam em situação de inferioridade relativamente aos universitários; não tinham graus e só lhes era permitido exercer a medicina nas

¹¹⁰Baptista, 1996 p. 36

¹¹¹Jornal das Ciências Médicas de Lisboa, 1835 p. 310

¹¹²Anexo nº1, p.70

localidades em que houvesse médicos ou quando estes não fossem em número suficiente para a assistência dos enfermos.¹¹³

A terceira e última arte de curar oficial era a Farmácia que se dividia em duas classes de Profissionais, uma de indivíduos com estudos no Dispensário farmacêutico universitário e outra sem qualquer instrução para além dos conhecimentos escolares básicos e a experiência adquirida junto de um boticário estabelecido.

Apesar desta oficialização, os portugueses nascidos no século XVIII tiveram alguma dificuldade em abandonar subitamente os sistemas e as teorias que alimentaram, em benefício de uma medicina baseada unicamente nas observações nascidas do estudo clínico dos doentes e da dissecação de cadáveres. Os trabalhos de investigação realizados por Gonçalves Ferreira¹¹⁴, João Rui Pita¹¹⁵ e, Isabel Drummond Braga¹¹⁶ levam-nos a concluir que as nossas ciências médicas nos inícios do século XIX estavam muito atrasadas relativamente ao resto da Europa. Esta realidade fez com que, tanto no meio rural, como urbano, nas classes mais baixas e mais altas, se alastrasse o charlatanismo, da medicina popular exercida por curandeiros, barbeiros e droguistas alheios às modernas medicinas e farmácia. Continuou a notar-se em Portugal a influência do vitalismo, assim como a efervescência dos sistemas que predominavam no último período do século precedente.

Discutiram-se e analisaram-se doutrinas médicas que dominavam noutras escolas da Europa¹¹⁷ e faltava consenso relativamente ao número de sistemas médicos que estavam em voga e se praticavam no Reino de Portugal, pois em meados do século os livros de medicina da época apontavam várias fórmulas ou sistemas médicos:

Por uns, era considerado o mais antigo, a *Antipathia* ou o princípio *Contraria Contrarius Curantur*. Um sistema terapêutico que tratava as moléstias através de uma medicação contrária, como a sangria para a *hiperemia*, purgantes para a inércia intestinal e a água fria para sobre as queimaduras, ou sobre a *erysipela*.

¹¹³Anexo nº 2, p. 75

¹¹⁴Ferreira, 1990

¹¹⁵Pita, 1996

¹¹⁶Braga, 2001

¹¹⁷Henriques Carvalho, 1843, no Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.

Também administrava estimulantes e tónicos para nas molestias provocadas por *sedação e fraqueza e sedativos nas de irritação*¹¹⁸.

Na escala da antiguidade ou tradição seguia-se a Allopatia, heteropatia ou empirismo – *Alia Allis Curantur*. Este sistema curava as doenças que desconhecia com remédios que desconhecia. (...) *é aquele que emprega meios de todos os géneros, sem consideração nem pela sua pureza, nem pela sua similhaça, ou opposição; por exemplo, applicação de meios revulsivos (...)*¹¹⁹

Por último a doutrina *Homeopathica* que curava as moléstias com doses de medicamentos semelhantes a essa moléstia. Chamada a doutrina dos *Similhanes, Similia Similibus Curantur*.

À medida que o século avançava eram consideradas outras hierarquias de Sistemas terapêuticos em Portugal. Em 1899, já no findar do século o Dr. J.M.B.Callisto:-

“ Por diferentes maneiras poderão ser empregados, na cura das moléstias, os numerosos e variados agentes da natureza; pela identidade, opposição, heterogeneidade, e similhaça de symptomas. E estas diferentes maneiras no seu emprego constituirão outros tantos methodos diversos de therapeutica. (...)”.

Movido pelo desejo de mostrar a verdade aos olhos de todos os médicos do seu país e que deviam dedicar-se ao estudo e à meditação dos sistemas que preconizava, para salvar vidas e evitar sofrimentos e malefícios de quem a prática da medicina das escolas é culpada,

O Marechal Duque de Saldanha (1790-1876)¹²⁰ editou o livro - *Estado da Medicina em 1858*. Foi ele que pela primeira vez compilou e apresentou sete métodos ou sistemas terapêuticos em que, na sua opinião, se encontrava dividida a Medicina em Portugal no ano de 1858 sendo eles: A Allopatia,¹²¹ que era reconhecida oficialmente e que na sua opinião de outros se julgava com direito de não tolerar concorrência. “(...) Embalada nesta presunção, nem admittia mesmo a discussão e, do alto píncaro da sua prosápia secular, olhava com desprezo para

¹¹⁸Dr. J.M.B. Callisto, A Saude, 1899, Nº 13, p. 147

¹¹⁹Idem, ibidem

¹²⁰Sócio e vice-presidente da *Academia Real das Ciências*, membro de varias sociedades científicas no estrangeiro, e ostentava o orgulho de tão numerosos e brilhantes títulos académicos

¹²¹Foi Hahnemann quem aplicou o termo Allopathia à Medicina para diferenciar este sistema terapêutico da homeopatia.

todo aquelle que, no campo da publicidade, fasia raiar o mais escasso vislumbre de critica ou de censura”¹²² Apesar de ser um sistema oficial, continuava a ser impossível “aos espíritos da época”, uma materialização da medicina e, a meio do século, escrevia-se sobre esta de uma forma não muito nobre salientando a dúvida sobre os seus efeitos estava longe de se confirmar séria¹²³.

“ (...) A medicina convencional passou por fases de extrema dificuldade, quer devido a grandes epidemias, quer devido à falta de recursos é á repetição de fórmulas: primeiro sangrar, segundo purgar, terceiro dar clisters. Estes e outros preceitos lançaram a medicina convencional em descrédito (...)”¹²⁴. Em 1843 escrevia-se: « (...) A Medicina ainda nam é uma sciencia; ainda como tal senam acha feita. Levantando questões do que será afinal, uma mistificação, impostura, empirismo puro, cega rotina, charlatanismo ou pedantismo? Rosseau já tinha dito que os Médicos faziam aos homens mais males do que aquelles, que elles prometiam curar (...)”¹²⁵

O segundo sistema, Chrono-Thermal¹²⁶, desenvolvido em 1830, em Londres, pelo Dr. Dickson que dizia existir apenas um tipo de doença, - a *intermittencia e periodismo* - mudanças de temperatura. Sendo esta resultado de todo o tipo de *desorganização da estrutura* humana. Um *Systema* que usava todos os medicamentos incluídos na matéria médica à excepção das *sanguessugas, a lanceta e as ventosas*¹²⁷. Tratava-se de um *systema* que em harmonia com a “harmonia universal da natureza reconhecia todos os poderes e princípios da criação” e se propunha empregar um número reduzido de remédios, evitando, assim, grande parte dos “soffrimentos e encurtar a duração das doenças”.

¹²²Sines, 1859, p. 4

¹²³A *Medicina, não está, é verdade tão adiantada como nós desejáramos: muitas molestias há cuja cura é duvidosa, e outras em que ela é totalmente ignorada (...)* Opinião de reforma da clinica medico cirúrgica oferecida ao soberano congresso nacional por Manoel Joaquim Moreira em 1821 (in Oliveira, 1992, p. 112)

¹²⁴Moreno, 1997, p. 168

¹²⁵Jacinto Amaral Frazão, *Medicina sem Medicina*, 1843, p. 34

¹²⁶Chronos – Tempo ou período; Therma – temperatura ou calor, os elementos de todo o *systema* na natureza

¹²⁷(...) *Oppõe-se o auctor do systema chrono – Thermal às emissões sanguíneas pela mais plausível das rasões, porque temos innumeraveis remédios possuindo cada um uma influência igualmente rápida e uma acção igualmente curatica (...)* (Saldanha, 1858, Parte V, p. 4)

O Terceiro, a Homeopathia¹²⁸, “ um *systema* therapeutico, que estabelece o modo de curar as doenças pelo emprego dos agentes dotados da propriedade de produzir no homem senão, *symptomata* artificiais, semelhantes aos que apresenta a doença que se pretende combater. Uma teoria médica - farmacológica vitalista reclamada pelo germânico Samuel Hahnemann em finais do século XVIII que rapidamente penetrou nos meios académicos e universitários europeus, embora na maioria dos casos lhe tenha sido recusada qualquer validade á luz da ortodoxia dos demais avanços científicos. Teve em Portugal uma enorme adesão ao ponto de em 1839, Hahnemann ter sido nomeado Membro Honorário de Primeira classe pela *Sociedade das Ciências Medicas de Lisboa*.

O quarto, o Sistema Negativo, desenvolvido por Sydenham (? -1689) considerado por todos o primeiro médico da sua epocha, conhecido como o Hyppocrates inglez. Um sistema terapêutico que se baseava na ausência de remédios limitando-se ao uso de água fria, *hygiene* e exercícios *gymnasticos*¹²⁹. Na Europa teve um grande continuador, o Dr. Skoda que em Viena de Áustria dirigiu um hospital de medicina negativa e o expandiu aos restantes países. O duque de Saldanha foi um grande adepto desta medicina: “(...) Antes de ter a menor ideia d’este systema (...) chegado a convencer-me que no trabalho da digestão era a causa que me fazia soffrer tanto (...) e pelo regímen que pus em prática, (...) cheguei a restabelecer-me completamente(...)”¹³⁰.

Em quinto lugar surgia o Methodo de Raspail, devendo o nome ao químico François Vicente Raspail (1794-1878)¹³¹ de origem francesa que na época reabilitou, uma ideia da antiga medicina - a de que quatro quintos das doenças dos homens advinham de parasitas.

Preocupado com a forma como a medicina actuava na cura dos doentes, estabeleceu um método de tratar as doenças rescindindo da medicação todos os

¹²⁸Anexo nº 4, p.77

¹²⁹«Não choreis pela medicina, pois que lhe não faço falta deixando no mundo os três verdadeiros médicos; o ar, a água e o exercício» (in Saldanha, 1858, p. 14)

¹³⁰Idem, p.15

¹³¹ François-Vincent Raspail, que não possuía o diploma de médico, publicou uma obra que teve grande aceitação não apenas na França, mas também em Portugal e no Brasil. Trata-se da obra intitulada *Manual de saúde, ou medicina e farmácia domésticas*, cuja primeira edição francesa é de 1846 e com o qual alcançou, ao mesmo tempo, o reconhecimento de alguns profissionais da cura e a rejeição da parte de outros. Sua proposta era tornar possível o tratamento sem o recurso a médicos e farmacêuticos e sua grande *panacea* era o uso da cânfora. Esta deveria ser empregada em uso interno e externo, através de loções, pomadas e outras formas de apresentação

venenos¹³². O Duque de Saldanha mostrou-se um adepto deste sistema tendo-lhe dedicado no *Opusculo* ao rei D. Pedro V, mais de seis páginas. Considerou-o um benefício para a humanidade, tendo em conta que veio suprimir todos os meios terapêuticos *Martyrisantes*, assim como a *polypharmácia*, permitindo que todos se vissem livres de tantas drogas no caso de maleitas simples como as afecções de peito, garganta ou outras mais complexas “ (...) porque ensinou toda a gente a passar sem médico, e sem pharmaceutico (...) porque em lugar de enfraquecer o doente para que o medicamento possa produzir effeito, busca conservar as forças do enfermo para que a natureza vença a enfermidade (...)”¹³³. Os médicos da época tudo fizeram para provar que o seu livro era um atentado á saúde pública assim como Raspail foi acusado de exercício ilegal da medicina.¹³⁴

Um sistema que teve grande aceitação entre muitos no Reino de Portugal. Em Lisboa¹³⁵ era muito usado e começou a adquirir grande vulto desde 1849, de tal forma que a sua obra *Manual de Saúde, ou Medicina e Farmácia Domésticas*¹³⁶, em Portugal chegou à oitava edição (que se tenha conhecimento) em 1884 e até chegou a ser citado no livro *Brasileira de Prazins* por *Camilo Castelo Branco*¹³⁷. Entre os adeptos constava Eça de Queiroz que escreveu aquando da morte de Raspail:

“Raspail, entre todos esses o maior, deixa na terra um immenso vacuo imprehensivel. Desappareceu com elle uma das mais poderosas forças sociaes do mundo moderno, a porção mais fecunda e mais gloriosa da grande alma do povo.

¹³² (...) *A medicina allopathica tinha banido a ideia adoptada pelos antigos auctores da medicina, de serem os animalculos parasitas do homem a causa das doenças. Raspail reabilitou esta ideia por demonstrações claras. Descobriu muitas outras espécies de animalculos, desconhecidos dos antigos (...)* (Saldanha, 1858, p. 16)

¹³³ Idem, p. 95

¹³⁴ No entanto foi elogiado pelo representante do ministério público que em vez de o culpar, apenas o multou por ter recusado receber o diploma de médico que a faculdade lhe tinha oferecido

¹³⁵ Com a criação da Sociedade Humanitaria Raspalhista (...) *Este consultorio há contado nos seus livros a verba de 4 e 5 mil doentes por anno (...)* (Sines, 1859, p. 49)

¹³⁶ Neste livro, o autor exorta a que cada um seja o seu próprio médico. Diz ser um livro que ensina as regras da arte de conservar e restabelecer a saúde. A higiene como uma arte de conservar a saúde, e a medicina como a arte que só poderá actuar para a restabelecer depois de perdida, ou mais ou menos gravemente comprometida¹³⁶. Raspail recomendava o tipo de médico a chamar caso fosse necessário.

¹³⁷ Padre Osório diz a Feliciano para não mortificar a sobrinha com exorcismos: « (...) o demónio que ela tem, é a doença (...) havia de comprar o *Manual do Raspail*, a ver o que ele dizia da moléstia, porque em Pernambuco toda a casta de doenças se curava pelo Raspail, e que levasse o diabo o frade e mais a caiporice dos exorcismos. Que sim, que comprasse o *Manual do Raspail*, concordou o padre Osório e saiu muito cansado — dizia ele à irmã — de lidar com as duas cavalgadas” (...)» (Branco, 1882, p. 72)

Foi o maior contribuinte dos descobrimentos scientificos d'este seculo. Creou a chimica organica e póde-se dizer que creou tambem a physiologia botanica e a anathomia microscopica. Fundou a hygiene em bases novas, não como uma dependencia da medicina, mas como um desdobramento da sciencia social. Foi ainda elle o primeiro que proclamou no Hotel de Ville a Republica de 48. (...) As suas observações astronomicas, os seus trabalhos de chimica, as suas applicações do microscopio ao estudo das celulas e dos tecidos fizerarn-se n'uma aguafurtada humilde dos bairros baratos de Paris com os instrumentos mais rudimentares, no isolamento austero da independencia o do sacrificio”.

Por vários era exaltada a confiança que este sistema e o seu criador: “

“E, este médico quem deveis em vossas enfermidades confiar o cuidado de vos ajudar com seus conselhos para chegar a alliviar um esposo, um pae, uma boa mãe, um irmão e filhos queridos, e numa palavra o que tendes de mais caro sobre a terra, se não tendes precisa confiança em vós próprios para dispensardes o médico (...) Fazer escolha de um médico em caso de necessidade, é um acto de alta consciência. Aprender a passar sem elle é um acto de alta razão. Tomar um médico ao acaso e não cuidar em distinguir o charlatão do philosopho, é um daquelles actos de insano abandono que se aproxima do suicídio, ou do homicídio, segundo se trata de si mesmo ou dos outros (...)”¹³⁸.

A Hydroterapia¹³⁹ surgia em sexto lugar na lista do Duque que lhe dedica também várias páginas. Um Systema que segundo ele é conhecido desde a mais remota antiguidade na cura de moléstias. Ilustra esta teoria com várias passagens bíblicas:

“(...) Moysés, que nasceu 1571 annos antes de Jesus Christo, obrigava os hebreus a abluções repetidas, e especialmente na cura da lepra e das molestias impuras (...) os gregos faziam uso frequente da água fria para fortificar o corpo e evitar doenças (...) mas é nas obras de Hipocrates (...) que se encontram documentos preciosos relativamente à água fria (...) no tratamento de febres”¹⁴⁰.

¹³⁸(autor desconhecido), Raspail e a Velha Medicina, 1855, p. 36,

¹³⁹Anexo nº 5, p.81

¹⁴⁰Saldanha, 1858, p. 97

No sentido de apoiar este systema serviu-se o Duque de todo o seu conhecimento histórico na geografia do planeta: “Nas ásperas montanhas da silesia a medicina das escolas é pouco conhecida, recorrendo os habitantes quasi sempre aos meios que a natureza lhes offerece quando se acham incommodados, a agua é o mais importante d’estes meios (...)”¹⁴¹.

Já no final da exposição fala da importância que em meados do século XIX era atribuída às águas do Reino de Portugal: “ (...) entre nós contamos por muito tempo um só em Cintra (estabelecimentos de águas), e hoje mais dois, um no hospital militar da Estrela e outro no hospital dos alienados de Rilhafolles”.

Apesar de o Duque reforçar a importância das águas na saúde, mencionando um livro editado em 1806 em Lisboa^{que falava} das curas através da água fria, este sistema era visto por muitos, com outros olhos e tratado até com alguma ironia e desdém:

“(...) A Hydroterapia ostentava-se ahi por vislumbres dispersos, manejada por mãos de homens doutorados; retirou-se um dia, a um canto da bella Cintra, e alli viveu vida enfesada e ephemera, até que se eclipsou semelhante ao cometa no seu trajecto, restando della apenas escassas recordações de alguns poucos que ainda, no verão seguem a moda das bellas sensações da reacção vital (...)”¹⁴²

O sétimo e último sistema, o Mesmerismo ou Magnetismo Animal¹⁴³ parece ter chegado em 1844 a Portugal pela mão de um curioso que em Coimbra “somnambulizou a academia em pezo” o que fez com que os jornais da cidade tivessem anunciado o facto que causou grande espanto e ansiedade em comprovar o sucedido.¹⁴⁴

Um correspondente do *Jornal de Ciências Médicas de Lisboa*, o Sr. J. F. de Macedo Pinto da cidade de Coimbra, escreveu ¹⁴⁵que o Magnetismo Animal era já conhecido há muito pela Universidade de Coimbra “ (...) durante o nosso curso médico, hum distincto Professor despertou a nossa attenção sobre este objecto

¹⁴¹Saldanha, 1858, p. 99

¹⁴²Sines, 1859, p. 4

¹⁴³Anexo nº 6, p. 84

¹⁴⁴(...) *A anciedade publica cresceu a um ponto extraordinário. Todos queriam ver, todos desejavam saber como se operava este phenomeno maravilhoso (...) Muitas sessões se fizeram, á maior parte das quaes assistimos nós; e tivemos occasião de observar a concorrência e o grande desejo de saber alguma cousa d’este phenomeno (...)* (Moutinho, 1884, p.9)

¹⁴⁵Jornal das Ciências Médicas de Lisboa., 1845, Tomo I, p. 355

(...)”. No entanto, nas primeiras páginas do livro, *Magnetismo Animal, Principos de Magnetologia*, Annibal Moutinho falava do atraso que Portugal tinha em relação aos restantes países da Europa:

“ (...) Ainda agora aparece em Portugal o magnetismo animal, que há um século admiram as nações cultas da Europa, e que por seus phenomenos quasi sobrenaturaes e maravilhosos espanta os sábios, e os que o não são. É preciso confessar que estamos tão distantes do progresso em que vão os nossos visinhos, que de nós estão os povos da terra do Natal (...)”¹⁴⁶.

Em Portugal, foi pela primeira vez publicado, e esgotado na cidade do Porto, em 1845, o resumo do Tratado *Theorico e Pratico do Magnetismo Animal* de J.J.A. Richard. Mas já no ano de 1838, o Jornal das Ciências Médicas de Lisboa tinham publicado oito páginas onde apresentava uma exposição dos últimos trabalhos da *Academia Real de Paris*, sobre o magnetismo animal¹⁴⁷, assim como as conclusões sobre alguns testes de verificação das reais capacidades terapêuticas desta doutrina. Conclusões que não favoreceram este sistema pela falta de provas¹⁴⁸.

Sete anos após, o mesmo Jornal editou sessenta e nove páginas sobre a *Origem, progresso e mysterios do Mesmerismo em todos os tempos e paizes*, traduzido de um artigo inglês.¹⁴⁹ Também a Revista Universal Lisbonense publicou um artigo sobre Magnetismo animal pelo Dr. F. A. Rodrigues de Gusmão de Coimbra.

Em 1864, foi publicado em Portugal o livro, *Os prodigiosos Effeitos do Magnetismo Animal*¹⁵⁰ onde o autor relatou como havia tomado conhecimento desta doutrina e os efeitos maravilhosos da mesma. Já antes, o Duque de Saldanha havia ficado fascinado pelo Mesmerismo e, em 1858, no opúsculo

¹⁴⁶Moutinho, 1884, p. 6

¹⁴⁷Escrito pelo Dr. J.P.Mendes, Lente substituto da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa e sócio efectivo da Sociedade das Ciências Médicas. (Jornal das Ciências Médicas de Lisboa) Tomo I, p. 97-105

¹⁴⁸ (...) *Em ultima análise, parece que os factos mais elevados do magnetismo animal não offerecem ainda aquella immensidade de provas e testemunhos, de que carecem, attento o seu maravilhoso, para ter valor scientifico (...)* (Jornal das Ciências Médicas de Lisboa, Tomo I, p. 98)

¹⁴⁹Este artigo faz uma viagem ao passado do mesmerismo e relata os primeiros ensaios de Mesmer, Deslon, do Marquez de Puysegur, do Marquez de Tissart e do Abade Faria e estabelece as diferenças entre os vários métodos. No ano seguinte foram publicadas mais 26 páginas sobre o mesmo tema (Jornal das Ciências Médicas de Lisboa, 1845, Tomo I, p. 29-41/100-109/171-183/223-239/289-305)

¹⁵⁰Por João Januario Vianna de Rezende, doutorado em Paris. Médico da Câmara de Sua Majestade o Rei de Portugal, ex Físico Mor de Angola entre outras qualificações

dedicado ao Rei D. Pedro V defende-o e dizendo que entre nós era considerado charlatanismo

“(…) Entre nós o magnetismo animal é considerado como puro charlatanismo, quando desde longo tempo muitos milhares, senão milhões de infelizes na Africa, na America, na Asia e na Europa têm por elle escapado aos horríveis sofrimentos inseparáveis das grandes operações cirúrgicas, no estado de sensibilidade; quando curas prodigiosas têm conservado a vida, a muitos desgraçados enfermos, julgados incuráveis, votados à morte (…)”

Dedicou-lhe trinta e duas páginas, e considerou o Mesmerismo “ *dos maiores dons que a Divina Providencia concebeu ao género humano*”¹⁵¹, exibindo a sua erudição extraída dos cento e quatro volumes sobre aquela matéria, que era tudo o que de mais interessante se tinha escrito, tanto em alemão como em inglês. Defendeu os benefícios deste no transe mesmérico durante as operações, assim como na cura de muitas outras doenças.

Após esta exposição ao rei D. Pedro V, o Dr. Bernardino António Gomes não demorou em responder e criticar o Marechal Duque de Saldanha pelo esquecimento de outros sistemas vigentes na altura: “ Começaremos por notar que o auctor n’esta enumeração esqueceu ou desprezou, não vemos porque, a isopathia, a kinesipathia ou kinesitherapia, o perkinismo, a electrobiologia, a medicina hygiea e odylismo ”¹⁵², elevando assim, para treze os sistemas que eram conhecidos em Portugal.

A Isopathia, um sistema descoberto pelo alemão Johan Joseph Wilhelm, tinha como princípio fundamental que as doenças *virosas* se tratavam com a matéria do seu próprio vírus. Apresentava-se como uma irmã da homeopatia, mas esse facto não lhe valeu as simpatias por parte dos médicos homeopatas, tendo em conta que Hahnemann, o pai da Homeopatia, no seu livro *Organon* criticou com alguma veemência o método isopático em virtude de não considerar o paciente como um todo, conduzindo o médico a um raciocínio demasiadamente simplista. Em Portugal este método não se achava ainda justificado no final do século por insuficiência de factos, “ contudo alguns veterinários, e prácticos distinctos, têm já alcançado neste

¹⁵¹Saldanha, 1858, p. 105

¹⁵²Gazeta Homeopatica Lisbonense, 1859, nº 48, p. 164

género de experiência, resultados suficientes para ao menos despertar a atenção dos homens da ciência ¹⁵³

O sistema kinesiopathia ou kinesitherapia¹⁵⁴ teve como fundador o sueco Perh Henrik Ling que através das seguintes palavras: “se não tenho razão minha obra perecerá, se tenho ela vencerá apesar dos gritos”, contrariou as ideias dominantes da época, com um sistema que pretendia restaurar a saúde através de exercícios e de ginástica. Tinha como fim regenerar o povo sueco¹⁵⁵, minado pela tuberculose, o raquitismo e o alcoolismo; uma ideia muito bem recebida na altura pela corte sueca que permitiu fundar uma escola onde se habilitavam os médicos e onde eram também tratados alguns doentes.

O sistema Perkinismo foi criado pelo médico americano Elisha Perkins (1741-1799), que teve grande êxito em Londres através do seu filho. Consistia o tratamento no uso de duas agulhas, cada uma de metal diferente. Uma agulha era de aço e outra de bronze e cada uma tinha uma pequena cunha magnética que era passada por cima da zona do corpo doente, durante vários minutos.

Perkins usava estas agulhas na cura de inflamações, reumatismo e dor na cabeça entre outros males

A Sociedade Médica de Connecticut, na época considerou o uso deste método como "charlatanismo ilusório" e expulsou Perkins, alegando que ele era "*um titular e o usuário de panaceias*". Perkins, no entanto, conseguiu convencer três faculdades de medicina nos Estados Unidos de que o seu método funcionava. Na Dinamarca este método foi apoiado mas pós a sua morte, médicos britânicos começaram a ter dúvidas sobre os resultados obtidos com o uso destas agulhas após vários testes a pacientes com reumatismo o que fez com que este método caísse em desuso.

¹⁵³Dr. J.M.B. Callisto, A Saude, 1899, Nº 13, p. 147

¹⁵⁴Derivado do termo grego “Kallistenés” que significa cheio de vigor ou força harmoniosa

¹⁵⁵Em 1808, a Suécia deu os primeiros passos da ginástica escolar com um regulamento que determinou que em todos os centros de educação fossem criadas condições favoráveis para a prática de exercícios de escalada, saltos, acrobacias, natação, entre outros, sob a direcção de um monitor. Em 1813, em prosseguimento a sua grandiosa obra, Ling fundou um Instituto em Estocolmo, “Instituto Central de Ginástica – GCI” e em 1826, um novo regulamento estabeleceu: “*nenhum jovem deve ser dispensado da ginástica, salvo se provar que ela lhe é nociva*”. Um sistema que pretendia restaurar a saúde através de exercícios e de ginástica. Uma ideia muito bem recebida na altura pela corte sueca que permitiu fundar uma escola onde se habilitavam os médicos e onde eram também tratados alguns doentes. Com a morte de Ling em 1839, a ginástica sueca como pedagogia estagnou, pois seu sucessor, Karl Hjalmar Brantingh (1860-1925), pouco se preocupou com ela, interessado exclusivamente com a ginástica médica o que levou a que a partir de determinada altura a ginástica passasse a ser receitada como uma panaceia e esse facto fez com que fosse tomando contornos de charlatanismo.

A medicina Hygiea um sistema praticado por pessoas sem habilitações médicas “A medicina Hygiea habita nos andares mais inferiores dos chamados systemas médicos. Entre os que a exercem não figuram pessoas de educação científica”¹⁵⁶. A medicina hygiea não admitia senão uma doença e curava-a com um só remédio, fácil de adquirir por pequeno preço, o que dispensava perfeitamente a consulta do médico. Uma terapêutica baseada na promessa de cura milagrosa através de pílulas milagrosas em voga em Inglaterra, elaboradas por meio de conhecimentos secretos que os jornais estrangeiros e nacionais anunciavam “ A medicina Hygiea oferece-se todos os dias por annuncios que inundam os periódicos inglezes, e chegam aos de todos os paizes, não exceptuando o nosso (...) Ninguém haverá que não tenha noticia das pilulas de Morrison e de Holoway “¹⁵⁷.

O *odylismo* aparece nos documentos lidos como um sistema semelhante ao magnetismo animal. Uma doutrina pela qual se pretendiam explicar os variados fenómenos, incluindo a astrologia, a magia, a bruxaria, a adivinhação, hydromancia, phantasmomancia, chiromancia e outras ciencias chamadas ocultas “ As doutrinas Odylicas, sopram como vimos, este fogo amortecido, e tendem a fazer reviver todas essas ciencias mysteriosas que na idade média se cultivaram com o nome de ciencias ocultas “.

Todas elas suportavam uma interpretação de todos os fenómenos de variações magnéticas que influenciavam a saúde das pessoas

A *Electro - biologia*, considerado parente do Mesmerismo e do Odylismo pelo tipo de *phenomenos* produzidos aparece como um sistema vindo da America e que, através dum Dr. Darling e de um Mr. Lewis chegou a Londres onde criou grande admiração e simpatia. Estes fenómenos electro - biológicos consistiam em fixar por determinado tempo a atenção sobre um objecto, geralmente formada por um ou mais metais e colocada numa das mãos do indivíduo que seria o objecto dos fenómenos. Estes consistiam no modo como eram “dominados os movimentos, as sensações e a intellectualidade” do indivíduo que ficava debaixo da influência electro - biológica. “ É possível d’este modo fazer paralyse a sensibilidade de uma extremidade ou de qualquer outra parte do corpo; influir sobre a vontade ou qualquer outra faculdade do espirito “ ¹⁵⁸.

¹⁵⁶Gomes, 1859, p. 16

¹⁵⁷Gomes, 1859, p. 16

¹⁵⁸Bernardino António Gomes, *Gazeta Médica de Lisboa*, 1859, Nº 3, p. 38

Treze é o número de sistemas terapêuticos que estavam em voga a meio do século, cada um delles tem as suas pretensões á excellencia sobre os outros responsáveis pela resolução de muitas das maleitas dos portugueses do século XIX.

Uns mais requisitados pelos ecos que vinham de outras cidades europeias, outros mais virados para as necessidades reais, todas elas com maior ou menor sucesso, por este reino se passaram.

7 - Actores, discursos e controvérsias

O Marechal Duque de Saldanha figurava como um grande adepto e impulsionador das novas medicinas em Portugal, depois de ter sido curado por diferentes meios dos sistemas médicos oficiais. No seu apelo ao rei fez uma apologia exaltada da Homeopatia e atribuiu ao Mesmerismo as curas mais prodigiosas, solicitando a atenção do soberano para o estado *calamitoso* em que se encontrava a medicina Allopatica no reino de Portugal¹⁵⁹. Nessa exposição salientou que a saúde pública era prejudicada pela forma como a medicina estava a ser exercida pelos médicos portugueses.

O Duque falou do seu maior desejo “ ver modificado o método de tratar as doenças, geralmente seguido pela terapêutica allopática”, que considerava impotente, quase sempre falsa, quando não perniciosa, para os pobres doentes que experimentaram os seus efeitos.

Ao longo deste opúsculo ao rei, os médicos allopatas – ou da medicina oficial - foram o alvo principal das suas críticas, cobrindo-os de *impropérios*, negando-lhes competência profissional e o respeito devido à integridade moral das suas consciências.

Se até esta data de 1858 já se manifestavam algumas controvérsias relativamente à forma como a saúde em Portugal era tratada, a partir do apelo ao rei D. Pedro V por parte do Duque de Saldanha, foi o incendiar de muitas discussões que fizeram correr muita tinta.

¹⁵⁹ (...) *Mas permitta-me Vossa Magestade o dizer-lhe que por mais conscioso que Vossa Magestade seja em manter as liberdades consignadas na Carta Cosntitucinal da Monarchia, por grande que seja a sua solitudine em fazer justiça, em promover os interesses moraes e intellectuaes e materiaes do povo e do paiz, a sua obra ficará incompleta se Vossa Magestade não voltar sollicito as Suas vistas para o estado da medicina entre nós (...)* (Saldanha, 1858, p. 3)

A ressonância das suas palavras foi como um rastilho de pólvora que não tardou a explodir e rápida reacção veio por parte do médico Bernardino António Gomes¹⁶⁰ e principal porta-voz dos médicos Allopatas. Este médico ocupava uma posição especial na medicina portuguesa, não só por parte do rei, como por parte do público. Escreveu ao Duque de Saldanha logo após ter recebido um exemplar da memória que lhe tinha sido enviada da seguinte forma:

“Illmo, e Ex.mº Snr. Duque de Saldanha.

Recebi e li o que V.Exª publicou sob o título de Memória sobre o estado da Medicina em 1858. Agradeço a V. Exª. A atenção que mereci nesta remessa e alguma expressão lisongeira que incidentalmente se dignou dispensar-me no corpo do escrito.

Todo este favor porém, Snr. Duque, não apaga a dolorosa impressão que me produziu a leitura do livro, que muito desejava, por V. Exª. Nunca houvesse publicado.

Quase do princípio ao fim, V. Exª escreveu debaixo da influência das falsas impressões e talvez de algum despeito, que o tornaram injusto, exagerado, apreciador infiel dos factos, e desapiedado até com uma classe sobre a qual já não pesam poucos motivos de desalento.

A situação de V.Exª., com toda a habilidade que Deus lhe deu, não pode ser muito melhor neste objecto, do que a do médico que nunca militou, e que tentasse escrever a arte da guerra ou julgar os actos militares de V.Exª.

Não é deste modo que V. Exª. Pode esperar de auxílio ao nosso ilustrado Monarca e ao seu governo para melhorar o ensino e prática da medicina no nosso país. O caminho para isso é outro, e mais parecido com o que V. Exª. Seguiu, com tão bom resultado, para melhorar a condição dos pobres alienados.

Sou com toda a consideração de V. Exª., muito atento, venerador e criado, Dr. Bernardino António Gomes. “

O Marechal não aceitou bem a resposta do lente do reino e publicou um novo opúsculo em que este foi directamente atingido o que faz com que Bernardino António Gomes lhe volte a responder com altivas palavras. Esclarecia ainda que

¹⁶⁰Lente jubilado da Escola Médico Cirúrgica de Lisboa, Bernardino

não pretendia com ele – o Duque - estabelecer uma discussão nem tão pouco tomar-lhe conta pela falta de conhecimentos da matéria. Pretendia apenas lavrar o seu protesto por se julgar o Duque autorizado com tão pouca bagagem, colhida numa literatura médica de tão fraca escolha e sem o devido critério, levar a sua voz ao trono e, na presença do soberano, arremessar sobre uma classe inteira, um estigma de ignorância que ela não merecia. Mais ainda, por ter lançado no público, insinuações de desconfiança e descrédito na medicina do reino ao dizer que os médicos portugueses deviam rasgar os seus diplomas e abandonar a profissão por indignos de a exercerem.

Mesmo assim, desculpou-lhe a ignorância mas não pôde ficar indiferente ao que de muito ofensivo tinha dirigido à classe a que tem a honra de pertencer e, com mal disfarçada cerimónia, diz no texto, que “os que escrevem para o publico, precisam ser correctos, mas em matéria de ciência, havendo sempre esse dever, não é menos preciso ser lógico, claro e ter conhecimento do objecto que se trata”¹⁶¹. E ironicamente censurou o Duque: “ Mau fado, Senhor Duque, foi o de V. Ex^a querer ser médico e por semelhante modo (...) Causa deveras pena não ver empregar melhor actividade de espírito e mais recursos de inteligência que V. Ex^a possui “¹⁶². Quando o médico publicou em 1859, *O Marechal Duque de Saldanha e os Médicos breves considerações acerca da Memória sobre o estado da Medicina em 1858*, pretendia esclarecer e condenar o Duque de Saldanha dos erros, da insensatez e da sua imperdoável ousadia em falar dos médicos do reino com tal desmerecimento.

A este “recado” respondeu de imediato o Duque de Saldanha com *O Sr. Bernardino António Gomes e o seu folheto* “ Não me passou pela mente discutir as pessoas; discuti a sciencia, os systemas, as cousas “¹⁶³. Mas usando de ironia continuava:

“ Por mais respeitáveis que possam ser os membros de qualquer corporação, médicos, legistas, militares; por mais importantes que devam reputar-se os serviços que elles prestem, os escritos que publiquem, ou os trabalhos que emprehendam, os homens significam muito pouco diante do complexo dos factos, diante das

¹⁶¹Gomes, 1959, p. 8

¹⁶²Gomes, 1959,p. 10

¹⁶³Gazeta Homeopática Lisbonense, 1859, nº 48, p. 189

verdades eternas (...) Os indivíduos morrem e esquecem no dia seguinte; as ideias ficam e a ciência sucede-se aperfeiçoando-se de século a século “¹⁶⁴.

O Duque critica o médico por ter confundido a real intenção do seu opúsculo dizendo que perverteu o sentido do mesmo. Este teria como discussão a medicina e não os médicos do reino.

Por sua vez, médico acusava o Duque de nem sequer ter falado na medicina clássica, orthodoxa, a que se ensinava oficialmente em todas as escolas do mundo. Dissertou sobre o exercício da medicina, realçando no discurso a importância e a grave responsabilidade que ela implica para a consciência do médico que, além do saber, precisa de possuir as virtudes que lhe permitem conquistar a confiança do enfermo e a esperança que é já um conforto moral.

O Duque de Saldanha veio de novo responder dizendo que o médico se equivocou de novo, pois estava mencionado no termo *Allopatia*, um termo criado por Hahnemann, que pretendeu opor a prática do princípio – *contraria contrariis curantur* com a doutrina médica firmada no princípio oposto – *similia similibus curantur*.¹⁶⁵ O que ele esclarecia é que não considerava a *Allopatia* verdadeira em relação aos restantes sistemas, assim como o Sr. Dr. Bernardino Gomes consentia dizer e sentir.

A *allopatia* era nesta época posta a ridículo, assim como os seus seguidores, decompondo a palavra *Allos* (outro) e *Pathos* (sofrimento). Acusavam-na de extenuar o doente, levando-o à morte na maioria dos casos,

“ O doente, extenuado e jugulado, cahe em prostração, e sente vir a morte na rectaguarda de todo o aparato medico homicida, que assenta sobre a base que – um doente, para voltar ao estado de saúde, em um caso de doença local, tem necessidade que se lhe exerce, na economia, uma doença geral. (...)”¹⁶⁶. Opinião que perdurou ao longo dos anos que se seguiram (...) Seria a medicina? – Um

¹⁶⁴ *Gazeta Homeopática Lisbonense*, 1859, nº 48, p. 190

¹⁶⁵ Em 1859 o Dr. Lima Leitão fez a distinção da das duas medicinas em voga na época, apelidando todos os médicos portugueses que não tivessem aderido à homeopatia de *allopatas*, (...) *Todos os médicos, que não pertencem à escola Homeopathica, serão aqui designados pela denominação comum de allopatistas* (...). Já antes, em 1839, o Dr. João Brignoli tinha usado o termo de *allopathistas* para designar todos os médicos que não eram homeopatas, no artigo no *Jornal das Ciências Medicas de Lisboa*, Tomo X, p. 224.

¹⁶⁶ Sines, 1859, p. 7

imbróglío informe de todos os systemas de curar conhecidos é uma abstracção que não faz bem nem faz mal “¹⁶⁷.

O folheto do Dr. Bernardino Gomes foi publicado na Gazeta Homeopática Lisbonense e Portuense, assim como na Gazeta Médica de Lisboa, levando a todo o país a controvérsia instalada, assim como a troca de galhardetes por parte dos intervenientes. É nesse folheto que o autor passa a pente fino todos os sistemas que o Duque apresentou no seu opúsculo ao rei, mais os que o médico achou terem ficado arredados.

Reconheceu que os médicos homeopatas eram pessoas mais habilitadas do que os que praticavam o sistema Raspail ou a medicina Hygiea. Reconheceu também o seu carácter escolar e alguma proximidade a muitos outros sistemas que apareceram e foram praticados, com algum sucesso. Mas apesar deste reconhecimento afirmou que morreria como tantos outros sistemas até então¹⁶⁸. Previa a morte da homeopatia por esta estar minada no seu interior pelos próprios praticantes, pois que muitos estavam de volta à primitiva medicina por falta de resultados com as doses homeopáticas.

Apresentou também alguns estudos em hospitais da Europa que de nada beneficiaram a imagem e credibilidade de quem praticava esta medicina.

Enalteceu a medicina (Allopatia) dizendo que haveria o dia em que seria a única, sem rivais “nem admita charlatanismo de qualquer espécie no seu sacerdócio”¹⁶⁹.

Quanto à Hydroterapia, Bernardino António Gomes reconheceu que seria benéfica, principalmente na aplicação de água fria nas febres. O seu uso seria, no seu entender coadjuvante em muitas maleitas, excelentes modificadores mas também responsáveis por alguns prejuízos na saúde se mal aplicados.

Ao falar do Mesmerismo ou magnetismo animal, o médico usando as palavras descritivas do mesmo pela parte do Duque, concluiu: “ Não será preciso exigir muito do rigor da interpretação para concluir das expressões do auctor que, na sua opinião, os médicos portuguezes têm um estudo bem descuidado para desprezar tantos e valiosos recursos “¹⁷⁰.

¹⁶⁷Sines, 1856, p. 5

¹⁶⁸Gazeta Médica de Lisboa, nº 4, p. 4

¹⁶⁹Idem, ibidem

¹⁷⁰Gazeta Medica de Lisboa, nº 3, p. 3

Quanto à Isopathia, esta seria apenas uma modificação do sistema homeopático. A Kinesipathia pertencia aos charlatães, o Perkinismo já tinha passado de moda, a medicina hygieia não era praticada por pessoas com educação científica, o Odyllismo nada mais seria que uma doutrina pela qual se pretendiam explicar os fenómenos mesmericos e por último, a electrobiologia sem nada de credível ou notável no tratamento de doenças.

Sem dúvida alguma, o Marechal Duque de Saldanha era um entusiasta da Homeopathia, mas no seu opúsculo não pretendeu apenas destacar a Homeopatia, mas também o Método Raspail, o Mesmerismo, assim como o sistema Crono termal.

Não tardaram a surgir apoiantes¹⁷¹, quer do Duque como do Dr. Bernardino António Gomes, entre eles o Doutor Bernardino Egídio da Silveira, que aparece a seguir com um opúsculo «*Carta de Felicitação a Sua Excelência o Marechal Duque de Saldanha pela sua triunfante réplica ao Dr. Bernardino António Gomes*».

Sabendo das afeições do Duque pela Homeopatia, os apoios não tardaram, vindos da cidade do Porto, o então principal centro da homeopatia. Muitos foram os que vieram animar a discussão na defesa da sua “dama” e, de certa forma, aproveitaram a ocasião para melhor poder lançar a discussão centrada na homeopatia como a verdadeira e única rival da Allopatia.

O Dr. António Ferreira Moutinho, director do consultório homeopático Portuense publicou dois folhetos, o primeiro intitulado «*Duas palavras a respeito da obra do Snr. Duque de Saldanha intitulado Estado da Medicina em 1858*» e o segundo dirigido aos «*Senhores Deputados da Nação Portuguesa*» com o seguinte título: «*A homeopathia perante os factos ou respostas às informações das Escolas Médico-cirúrgicas de Lisboa e Porto, acerca do requerimento que o consultório homeopático portuense dirigiu a Sua Magestade El-Rei o Sr. Dom Pedro V, oferecida às Câmaras dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa e Dignos de Pares do Reino*».

Estava criada uma oportunidade única para “lavar” as mágoas e revoltas de outros tempos, assim como reanimar a controvérsia em torno da medicina

¹⁷¹ O exm^o duque de Saldanha, no seu trabalho, dado á luz sob o titulo Estado da medicina em 1858, exhibiu, sem duvida, um grande pensamento, tradusindo fielemente a mais urgente das necessidades publicas, que é a reforma da medicina pelo ecletismo, colligindo o óptimo e o bom de todos os sistemas médicos, e rejeitando o mau e o inútil de todos elles (...) (Sines, 1858, p. 49)

homeopática. Já em 1839 tinham ido ao rubro as discussões entre os allopatas e os homeopatas,

“ Homens instruídos, mas demasiadamente preguiçosos, ou velhos, para abraçarem um methodo novo, apenas tem lançado os olhos com negligência para as obras do Dr. Hahnemann, e quanto mais ahi tem achado vasta irudição e elevado engenho, mais tem conhecido que para elles não restava outro partido senão alistarem-se debaixo das suas bandeiras, ou desacreditá-lo a todo o custo mantendo-se na graduação elevada “¹⁷² .

A Homeopatia tinha sido analisada, discutida e rejeitada como doutrina pela Escola Médico Cirúrgica de Lisboa a 23 de Dezembro de 1856. Este facto desencadeou na altura o aparecimento de uma série de folhetos. Ora, vieram mesmo a calhar as cento e dezassete páginas em que o Duque se assume contra a medicina oficial ou legal enumerando três causas principais dessa postura. A primeira, porque os médicos acabados de formar prescreviam doses de venenos que no caso em que não matavam, deixavam moléstias para todo o resto da vida e futuras gerações. A segunda cita a sua própria experiencia em que só melhorou das suas doenças após ter abandonado essa medicina. Terceiro, porque era uma medicina que vivia em plena anarquia. Não a considerava uma ciência mas um conjunto de informe de ideias, fórmulas bizarras.

Este opúsculo levantou grande controvérsia provocando a aparecimento de outros que se iam manifestando a favor, contra, ou mesmo os mais serenos que pretendiam atacar ou defender os diversos pontos de vista em relação a este acontecimento.

Na pesquisa realizada concluí que a Homeopatia era de todos os sistemas aquele que estava melhor implantado - a par da Medicina das escolas ou oficial, a Allopatia - e bem representado em Portugal com inúmeros adeptos entre eles o famoso António Maria dos Santos Brilhante, médico e cirurgião muito conhecido e destacado, que usou os seus já conhecimentos no jornalismo médico para também se dirigir ao Marechal,

¹⁷²Dr. Lima Leitão escreveu no Jornal das Ciências Medicas de Lisboa, 1839, Tomo II p. 157

“ Claro na maneira de pensar e elegante na exposição escreveu uma longa epístola ao Marechal Duque de Saldanha (...) missiva que logo apareceu impressa com o título «Carta a Sua Excelência o Marechal Duque de Saldanha acerca do opúsculo Estado da Medicina em 1858 pelo médico cirurgião António Maria dos Santos Brillhante”.

Foram muitos os que ao longo do século XIX vieram a praça pública criticar¹⁷³ a medicina oficial ou Allopatia, acusando-a de fazer sofrer os doentes com tratamentos extenuantes, mas foi este opúsculo que mais contribuiu para a discussão.

O senso científico apurado e a consciência crítica do pensamento médico erguia-se a um nível elevado. Não obstante, o opúsculo do Marechal teve os seus defensores e produziu grande celeuma ao ponto de o Rei D. Pedro V ter-se sentido embaraçado com a questão levantada pelo Marechal duque de Saldanha. Consultou a faculdade de medicina da Universidade de Coimbra que ladeou a questão. Mandou ouvir as escolas Médico-cirúrgicas de Porto e Lisboa que se opuseram. A Escola Médico Cirúrgica de Lisboa não hesitou em apelidar a homeopatia de charlatanismo e tendo nascido de uma aberração imaginária com uma longa lista de assinantes doutores e também em resposta, e a Escola Médico Cirúrgica do Porto diz não haver qualquer utilidade pública em conceder a facultativos estranhos uma enfermaria homeopática no hospital de Santo António. No entanto este opúsculo teve os seus ecos ao longo da segunda metade do século XIX, com muitos actores, muitos discursos e muitas controvérsias acerca de muitos sistemas que ainda vigoravam em Portugal.

¹⁷³(...) *Porém (como já notamos) nam se pode esperar semelhante revolução da Medicina curativa que vive dos erros dos homens (...)* Frazão, 1843, p. 35

Conclusão

Ter frequentado este mestrado permitiu-me desenvolver um olhar transversal sobre a saúde e a doença. As aulas que frequentei foram o palco onde comecei a encenar a possibilidade de realizar esta investigação. Foram inspiradores os professores que com o seu exemplo e partilha de saberes me fizeram sentir livre na escolha do objecto que me propus investigar.

Mergulhar nos relatos, nas brochuras, nos diários empoeirados nas teias cristalizadas do tempo da História da Saúde em Portugal foi tão solitário quanto fascinante, na medida em que busquei traçar um caminho ainda pouco percorrido.

A cada *encontro* pretendi estar presente nessa linha do tempo, ouvir as vozes, transcrever os relatos, os pensamentos e as discussões e desabafos. Interpretar os acontecimentos não constava dos objectivos desta pesquisa, pois em todo o percurso senti que o não poderia fazer, estando eu apenas a dar os primeiros passos de uma futura agenda de investigação que se afigura longa e desejável para o traçado histórico da Sociologia da Saúde em Portugal. Além do mais, norteou-me um profundo sentido de rigor na identificação dos actores e dos discursos que proferiram, já que se constituíam como protagonistas de modelos terapêuticos em movimento, que através deles persistiam em criar raízes nos manuais dos práticos da saúde e da doença do século XIX português.

Nem sempre foi fácil seguir a linha condutora da investigação a que me propus pois, muitas vezes, as obras estavam inacessíveis pelo desgaste provocado pelo manuseio menos nobre e também pela sua considerável idade.

Não menos fácil foi encontrar trabalhos de investigação neste âmbito, à excepção de uma tese de mestrado, em que apenas um dos modelos terapêuticos era aprofundado. Todos os restantes trabalhos permitiram tão somente enriquecer a contextualização histórica deste século. Muitas das obras de história da medicina foram escritas por médicos, que apenas pincelaram com críticas mordazes alguns dos restantes modelos ou sistemas terapêuticos que teriam aparecido por cá, como vulgares estrangeirismos adoptados por charlatães.

Tive a preocupação de isolar o mais possível da interpretação a que me propus a análise do discurso político que aparecia associado aos acesos debates sobre os sistemas da época e sobre os seus precursores em Portugal. No entanto parece ter sido esta discussão inflamada, mais por parte dos muitos que usando a saúde, nada mais pretendiam que subir alguns degraus na escadaria da política.

Assim, apenas pretendi mapear os modelos ou sistemas terapêuticos vigentes ao longo do século XIX e, neste sentido, ficou claro que dos treze sistemas terapêuticos que predominavam em Portugal, apenas dois foram os mais importantes, rivais entre si até idade bem adiantada deste século XIX: a Allopatia, ou a medicina oficial das escolas, e a Homeopatia.

Apesar de ser atribuída grande importância terapêutica ao Mesmerismo ou Magnetismo Animal, ao Raspailhismo e à Hydroterapia, a Allopatia e a Homeopatia eram de facto as medicinas que disputavam o “cheque mate” no tabuleiro da saúde.

Agora, após terminar esta dissertação, estaria no ponto certo para a iniciar, e se o pudesse fazer, incluiria certamente muitas obras de literatura portuguesa escritas ao longo do século XIX. Algumas delas estão referenciadas e constam na bibliografia deste trabalho, constituindo, sem dúvida, uma possível e válida via de futuras investigações.

A par da literatura situa-se a imprensa da época, que se me afigurou como promissora para, não só aprofundar este tema, mas também, com maior realismo, inventariar outros possíveis modelos que possam ter estado presentes à margem dos que passaram pelas penas de tinta da china dos mais eruditos, ou pelos frenéticos moldes de Gutenberg.

Estes são dois vastos campos de pesquisa que reúnem retalhos de história sobre a saúde, a doença e as terapias, e que, unidos, poderão constituir um material de valor incalculável para apreender e examinar uma realidade bem mais vasta da História da Saúde e da Doença em Portugal, imprescindível para o projecto científico da Sociologia.

Bibliografia

- ABELÉS, F. (1966), *A Ciência Contemporânea o Século XIX*, Tomo III, S.Paulo, Difusão Europeia do Livro.
- ABREU, Augusto Cezario (1880), *Estudos Gerais sobre Homeopathia*, Lisboa, Typographia Lisbonense.
- ABREU, Augusto Cezario (1877), *Um Capitulo de hydroterapia dos efeitos physiologicos e therapeuticos dos principaes agentes hydrotherapicos*, Porto, Imprenas popular de A. G. Vieira Paiva.
- ACCIAIUOLI, Luiz de Menezes (1948), *Hidrologia Portuguesa na sua infância. A valiosa actuação da academia*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- AIRIÉS, F. DUBY, G. (1990), *História da Vida Privada*, V. 4, Porto, Afrontamento
- ALVES, Manuel dos Santos, (1983), *O Legado Clássico em Eça de Queirós Através da Cultura Francesa*, Paris, Fontation Caloust Gulbenkien.
- ARAÚJO, Ana Cristina (1998), *As invasões francesas*, em L.R.Torgal e J.L.Roque (orgs.), *O Liberalismo*, vol. V de *História de Portugal*, dir. de J. Mattoso, Lisboa, Circulo dos Leitores.
- ARON, Raymond (2010), *As etapas do pensamento sociológico*, Alfragide, Publicações D. Quixote.
- BAPTISTA, António Manuel (1996), *A Primeira Idade da Ciência*, Lisboa, Gradiva
- BARBOSA, J. Coelho, 1893, *O Médico da Família ou Manual de Homeopathia doméstica por Dr., Bruckner*, Chemicos Homeopathas Editores.
- BARKER, Ernest (1958), *História da Civilização Europeia*, V.II, Lisboa, Organizações Oásis.
- BARRADAS, Ana; SOARES Manuela (2001), *Médicos Nossos Conhecidos*, Lisboa, Medicar.
- BARRADAS, Joaquim (1999), *A Arte de Sangrar de Cirurgiões e Barbeiros*, Lisboa, Livros Horizonte.
- BARREIRA, Cecília (1992), *História das Nossas Avós Retrato da Burguesia em Lisboa 1890-1930*, Lisboa, Circulo dos Leitores.
- BARRETO, D. José Trazimundo Mascarenhas (2003), *Memórias do Marquês da Fronteira e dialoga*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- BASTO, Cláudio (1915), *Medicina Popular*, Viana do Castelo, Tip. ModeloBASTO, A. M., 1934 - *História da Misericórdia do Porto*, Vol. I. Porto: Santa Casa da

Misericórdia do Porto.

BAUDELOCQUE, J. L. (1824), *Princípios acerca dos Arte Obstetrícia explanados em forma Dialógica*, Porto, Tipografia da Viúva Alvarez Ribeiro.

BAUMER, F.L. (1991), *O Pensamento Europeu Moderno*. Vol. II Séculos XIX e XX, Lisboa, Edições 70.

BERNARD, Claud (1978), *Introdução à Medicina Experimental*, Lisboa, Guimarães Editora.

BERSTEIN, Serge; Milza, Pierre (1997), *História do século XIX*, Mem Martins, Publicações Europa América.

BOCAGE, (1984), *Apólogos, Adivinhações e Epigramas*, Mem Martins, Publicações Europa América.

BONIFÁCIO, M. Fátima (2002), *O século XIX português*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

BOTELHO, Luís Silveira (1991), *Médicos na Toponímia de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal.

BRAGA, Arnaldo, A.F. (1852), *Reflexões ao Opúsculo do Snr. J. P. Reis – A Homeopathia: o que é que vale*, Porto, Typographia de J. L. de Sousa.

BRAGA, Isabel M.D. (2001), *Assistência, Saúde Pública e Prática Médica em Portugal (séculos XV-XIX)*, Lisboa, Universitária Editora.

BRANCO, Camilo, Castelo (1882), *A Brasileira de Prazins*, Porto, Ernesto Chardron

BRILHANTE, A.M., 1872, *A Homeopathia e os factos ou a Sciencia, o Sacerdocio e a Industria*, Lisboa, Imprensa Nacional.

BRILHANTE, A.M. (1870), *Acerca do Ensino Theorico e Pratico do Systema Médico Homeopathico em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional.

BRILHANTE, A.M. (1872), *A sciencia, o Sacerdocio e a Industria, noticia úteis á sociedade*, Lisboa, Imprensa Nacional.

BRUCNER (1893), *O Médico da Família ou Manual de Homeopathia Domestica*, J. Coelho Barbosa & C. Editores.

CALMON, Pedro, (1959) *História do Brasil*, v. IV, Rio de Janeiro, José Olympio

CANDIDO, Luiz José, 1864, *Tractado da Sangria*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

CARDOSO, Adelino (2004), *O Século XIX*, Volume IV- Tomo II, Lisboa, Circulo dos Leitores.

CARVALHO, Augusto da Silva (1929), *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa,

Imprensa Nacional.

CARVALHO, Augusto da Silva (1931), *A Dieta Hídrica Contribuição para a História Terapêutica*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

CHEKE, Marcus (1947) *Carlota Joaquina, Queen of Portugal*, Londres, Sidgwick and Jackson Limited.

CHORÃO, João Bigotte (1990), *Páginas Camilianas e outros temas oitocentistas*, Lisboa, Guimarães Editores Lda.

CIDADE, Hernâni (1985), *Século XIX, A Revolução Cultural em Portugal e alguns dos seus Mestres*, Lisboa, Editorial Presença.

COMTE, Auguste (1977), *Reorganizar a Sociedade*. Guimarães Editores, Lisboa

COSTA, Francisco José da (1902), *Materia medica experimental. Therapeutica positiva. Homeopatia*, Lisboa, Pharmacia Homeopathica Costa.

COSTA, Tenente Elias (1928), *A Medicina Científica*, Covilhã, Edição do Autor

CRESPO, G., 1990, *A História do Corpo*, Lisboa, Difel.

CRUZ, Maria Antonieta (2004), *Os Burgueses do Porto na segunda metade do século XIX*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida.

CRUZ, Francisco Inácio dos Santos (1843), *Ensaio sobre a topographia Medica de Lisboa*, Lisboa.

CUNHA, Manuel (1997), *Doutores da Mula Ruça*, Coimbra.

DAVEY, Basiro, Gray Alastair, Seale Clive (2002), *Health and Disease: A Reader*, United Kingdom, and McGraw-Hill Education.

DIAS, Benedito (1980), *A Medicina Portuguesa através dos séculos*, Coimbra, Coimbra Editora Lda.

DREYFUS, F.G. (1980), *História Geral da Europa*, Men Martins, Publicações Europa América.

DURAND-FARDEL, M. (1983), *Traité des eaux minérales de la France et de l'étranger et leur emploi dans les maladies chroniques*, Paris, Baillière&Cie.

ENTRALGO, P. (1972), *História Universal de la Medicina*, Barcelona, Salvat Editora.

FERREIRA, F.A. Gonçalves (1990), *História da Saúde e dos Serviços de Saúde em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

FERREIRA, Alberto (1980), *Estudos da cultura portuguesa século XIX*, Lisboa, Moraes editores.

FONSECA, Manoel José da (1848), *Exame ou Arte de Sangradores*, Lisboa,

- Typografia de F.X. de Sousa.
- FONTES, A., SANCHES, J.G. (1999), *Medicina Popular Ensaio de Antropologia Médica*, Lisboa, Âncora Editora.
- FOUCAULT, Michel (2006), *O Nascimento da Clínica*, Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- FRANCO, Francisco de Mello (1823), *Elementos de Hygiene ou Dictames Theoreticos e Praticos para Conservar a Saúde e prolongar a Vida*, Lisboa, Tipografia da Academia.
- FRAZÃO, J.L.A. (1843), *Medicina sem Medicina*, Lisboa, Tipografia de Joze Bernardino de Abreu e Gouveia.
- FRONTEIRA E D'ALORNA, Marquez de (1986), *Memórias*, Lisboa, INCM, VIIIº tomo.
- GARNEL, Maria Rita Lino (2003), *O Poder Intelectual dos Médicos – finais do século XIX- Inícios do século XX*, Revista da História das Ideias, Vol. 24, Coimbra, Faculdade de Letras.
- GIDDENS, Anthony (2005), *Capitalismo e a moderna teoria social*, Lisboa, Editorial Presença.
- GODINHO, Maria Teresa Magalhães (1965), *Os médicos e a Medicina no Teatro de Molière*, Porto, Costa Carregal.
- GOMES, Bernardino António (1859), Ao ILL.mo. E Ex.mo SR. *Marechal Duque de Saldanha e os Médicos breves considerações acerca da Memória sobre o estado da Medicina em 1858*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- GONÇALVES, Maria Eduarda (2001), *Enteados de Galileu, a SEmiperiferia no Sistema Mundial da Ciência*, Porto, Afrontamento.
- GOFF, Jaques Le (1997), *As doenças têm História*, Lisboa Terramar.
- GUERRA, Maria Luísa (1978), *Os Portugueses no seu tempo – Textos de História de Portugal século XIX*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense.
- GUIMARÃES, Feliciano (1954), *Hidrologia médica*, Coimbra, Atlantida Editora.
- GUIMARÃES, J. Lobato (1970), *Termalismo Social*, Coimbra Atlantida Editora.
- HABERMAS, Jürgen (1975), *Problemas de legitimación en el capitalismo tardío*, Buenos Aires, Amorrortu Editores.
- HAMPSON, Norman (1971), *A primeira Revolução Europeia*, Lisboa, Editorial Verbo
- HAZARD, Paul (1989), *O pensamento europeu no século XVIII*, Lisboa, Editorial

Presença.

HOBSBAWM, Eric (1992), *A Era das Revoluções*, Lisboa, Editorial Presença.

JOAQUIM, Teresa (1983), *Dar à Luz. Ensaio sobre as práticas e crenças sobre a gravidez, Parto e Pós – Parto em Portugal*, Lisboa, D. Quixote.

KENNETH, Walker (1958), *História da Medicina*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

LEIBBRAND, Werner (1939), *Medicina Romantica*, Bari, (Itália), Gius Laterza & Figli.

LEITÃO, José Andersan (1986), *História da Medicina em Portugal desde a Idade Média ao princípio do século XX* in *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.

LEITÃO, Manoel, José (1862), *A Arte de Sangrar*, Lisboa, Typographia Rollandiana.

LEJEUNE (1938), *As contribuições de Portugal para a História da Medicina*, Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia.

LEMOS, Maximiliano (1974), *Camilo e os médicos*, Porto, Editorial InovaLEMOS, M, 1991, *História da medicina em Portugal: instituições e doutrinas*, Vol. II. Lisboa: D.Quixote; Ordem dos Médicos.

LIMA, J. A. (1943), *Epítome de História da Medicina Portuguesa*, Porto, Portucalense Editora.

LIMA, J. A. Pires de (1946), *A Hidroterapia no Porto*, Porto, Jornal de Médico.

LIMA, Dr. Jaime de Magalhães (1892), *As Doutrinas do Conde Leão Tolstoi*, Porto, Lugan & Genelioux, Sucessores Editora.

LIMA, Manuel de Oliveira (1996), *D. João VI no Brasil*, Rio de Janeiro, Topbooks.

LINDEMANN, Mary (2002), *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna*, Lisboa, Editora Replicação Lda.

LOBO, F. M. da Costa (1945), *O Marechal Duque de Saldanha*, Lisboa Bertrand.

LOPES, José Carlos (1877), *Um Capitulo de Hydrotherapia – dos efeitos physiologicose therapeuticos dos principais agentes Hydroterapios*, Porto, Imprensa Popular de A. G. Vieira Paiva.

LUÍS, Augustina Bessa (2002), *Fanny Owen*, Porto, Público comunicação social S.A.

MACHADO, Álvaro Manuel (1991), *A geração de 70 e uma literatura de exílio*, O Século XIX em Portugal, Lisboa, Editorial Presença/ Gabinete de

Investigações Sociais.

MADUREIRA, Nuno Luís (1990), *Lisboa Luxo e Distinção 1750-1830*, Lisboa, Fragmentos.

MANIQUE, António Pedro (1988), *Portugal e as Potências Europeias (1807-1847)*, Lisboa, Livros Horizonte.

MATOS, A. Campos (2008), *Eça de Queiroz correspondência organização e anotações*, Lisboa, Editorial Caminho.

MATOSO, José (1993), *História de Portugal*, Lisboa, Editora Estampa.

MENDES, Manuel (?), *A Geração de 1870*, Lisboa, Jornal do Foro.

MENEZES, Manuel de Sousa (1958), *Médicos, Cirurgiões e outros da arte de curar na Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade.

MIRA, M. Ferreira de (1947), *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

MIRABEAU, António Serra de (1872), *Memoria histórica e commemorativa da Faculdade de Medicina nos cem anos decorridos desde a reforma da Universidade em 1722 até o presente*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

MIRANDA, Miguel, *A Medicina e a Arte*, Porto, Bial.

MÓNICA, Maria Filomena (1996), *A Europa e Nós: Uma polémica de 1853*, Lisboa, ICS/Quetzal Editores.

MONIZ, DR. Egas de (?), *O Abade Faria na história do hipnotismo*, Lisboa, Editorial Veja.

MORENO, Armando (1997), *O Mundo Fascinante da Medicina*, Lisboa, Printipo.

MOURA, Carneiro (1902), *O Século XIX em Portugal*, Lisboa, Editora Palhares.

MOUTINHO, A. Ferreira (1858), *A Homeopathia perante os factos*, Porto, Typ. De Sebastião José Pereira.

MOUTINHO, A. Ferreira (1858), *Duas palavras a respeito da obra do Snr. Duque de Saldanha intitulada – Estado da Medicina em 1858*, Porto, Tipografia Braz Tisana.

MOUTINHO, Annibal (1884), *Magnetismo Animal, Princípios de Magnetologia*, Lisboa, Typographia Progresso.

NUNES, Adérito Sedas (1992), *História dos Factos e das Doutrinas Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.

ORTIGÃO, Ramalho (1875), *Banhos de Caldas. Águas Minerais*, Porto.

PAIS, José Machado (1986), *Artes de Amar da Burguesia. A Imagem da Mulher e*

- dos Rituais de Galantaria nos Meios Burgueses do século XIX em Portugal*, Lisboa, Instituto das Ciências Sociais.
- PEREIRA, Miriam Halpern (2001), *Diversidade e Assimetrias: Portugal no Século XIX e XX, Análise Social*, vol. XXXVII, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- PEREIRA, J.E., 2004, *Percursos da História das Ideias*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (1993) “*Liturgia Higienista no Século XIX*”. IN: *Revista de História da Ideias*. Vol.15. Universidade Coimbra.
- PHILIP, André (1980), *História dos Factos Económicos e Sociais de 1800 aos nossos dias*, Braga, Morais Editores.
- PIDAL, R. M. (1989), *História de España*, Tomo XXXV, Madrid, Espasa Calpe, S.A.
- PIMENTA, Francisco Xavier de Almeida (1823), *Investigações sobre a Natureza e Antiguidade das Águas Minerais de Cabeço de Vide, Comarca d’Avis, História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo 8, parte 2, Lisboa, Tipografia da Academia.
- PINA, João Rui (2006), *Ciência e experiência, formação de médicos, boticários, naturalistas e matemáticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra
- PINA, Luís de, *Medicina e Médicos na História da Filosofia em Portugal*, Porto, Publicações do Centro de Estudos Humanísticos.
- PIÑERO, Lopez (1995), *Introducción a la Medicina*, Barcelona, Crítica Muscholl.
- PIÑERO, Lopez (1985), *Ciência y Enfermedad en el siglo XIX*, Barcelona, Nexos.
- PINTO, A. B. (1878), *Medicina Pratica segundo a Doutrina Homeopathica*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira&C^a.
- PITA, João Rui (1996), *Farmácia, Medicina e Saúde Pública em Portugal (1772-1836)*
- PORTER, Roy (2001), *História Ilustrada da Medicina*, Rio de Janeiro, Editora Revinter.
- QUENTAL, Antero de (2005), *Os Conferencionistas do Casino*, Porto, Fronteira do Caos Editores.
- QUENTAL, Antero de (1991), *Obras Completas III. Filosofia*, Lisboa, Editorial Comunicação.
- OLIVEIRA, Luísa Tiago de (1992), *A Saúde Pública no Vintismo, A Crise do Antigo Regime e as Cortes Constituintes de 1821 – 1822*, Lisboa, Edições João Sá

da Costa Ld^a.

ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As Praias de Portugal. Guia de Banhistas e do Viajante*, Porto, Clássica Editora.

QUEIROZ, Eça (2010), *O Francesismo*, Lisboa, Babel.

RADL, E.M. (1988), *Historia de las teorías biológicas*, Madrid, Alianza Editorial.

RAMOS, Rui (2010), *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

RASPAIL, François Vicent (1850), *Manual de Saúde ou Medicina e farmácia domésticas*, Lisboa, Typ. De A.J.da Rocha.

REIS, A (2005), *A Nova História de Portugal*, Cruz Quebrada, Casa das Letras.

REIS, Carlos Vieira, 2004, *Historia da medicina militar portuguesa*, Volume I, Estado Maior do Exército.

REIS, Jaime; Mónica Filomena; Santos, Maria de Lourdes Lima (1979), *O século XIX em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença.

RENEE, Paule Guillot (1993), *Samuel Hahnemann pionnier de l'homéopathie*, Genève, Editions Sum.

REZENDE, João Januario Vianna de (1864), *Prodigiosos Efeitosdo Magnetismo Animal*, Lisboa, Typographia Universal.

RICOU, Eduardo (1996), *O Problema da Saúde nos Exércitos Napoleónicos e Biografia dos seus Médicos mais célebres*, Torres Novas, Gráfica Almondina.

ROY, Le (1826), *Medicina Curativa ou Método Purgante*, Lisboa, Impressão Régia.

ROQUE, Mário (1984), *Físicos, Cirurgiões, Boticários, Parteiras e Barbeiros, que na sua maior parte viveram em Lisboa nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Academia Portuguesa de História.

ROSA, Álvaro Barros (1969), *Médicos Portugueses Notáveis Fora da Medicina*, Porto, Oficina Gráfica o Comércio do Porto.

SALDANHA, Marechal Duque de (1858), *O Estado da Medicina em 1858*, Lisboa, Imprensa Nacional.

SANTANA, Maria Helena (2007), *Literatura e Ciência na Ficção do Século XIX*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

SANTOS, Costa (1921) *Sobre Barbeiros Sangradores do Hospital de Lisboa*, Porto, Tipografia a vapor da «Enciclopédia Portuguesa».

SANTOS, Maria de Lourdes, Lima (1986), *Para uma Sociologia da Cultura*

- Burguesa em Portugal no século XIX*, Lisboa, Editorial Presença.
- SEQUEIRA, Fernando de (1950), *Os médicos na Literatura Contemporânea*, Lisboa, Imprensa Artística.
- SERRÃO, Joel (1959), *Temas Oitocentistas para a história de Portugal no século passado*, Lisboa, Edições Ática.
- SERRÃO, Veríssimo (1989), *História de Portugal*, Vol. VI, VII, VIII, X, Lisboa, Editorial Verbo.
- SILVA, J. Pereira da (1906), *Breve estudo sobre a Tuberculoterapia, Seroterapia e Quimioterapia*, Porto, Tipografia Porto Gráfico.
- SIMÕES, C.A.A. (1880), *O Ensino Prático na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- SINES, J. D. (1859), *A Homeopathia comparada com os outros sistemas médicos*, Lisboa, Typographia de M.de J. Coelho.
- SINES, J. D. (1856), *Memoria Dirigida ao Povo sobre os meios preservativos e curativos contra a Cholera, Cholerina e TYpho*, Lisboa, Typographia de M.de J. Coelho.
- SOURINA, Jean Charles (1992), *História da Medicina*, Lisboa, Instituto Piaget
- STEINER, George, 1973, *Dans le château de Barbe-Bleue: Notes pour une redéfinition de la Culture*, Paris, Gallimard.
- TATON, René (1966), *A Ciência Contemporânea – O Século XIX*, S.Paulo, Difusão Europeia do Livro.
- TATON, René (1981), *Histoire Générale des Sciences*, Paris, Presse Universitaires de France.
- TURNER, Bryan S. (2002), *Teoria Social*, Algés, Difel.
- WEBER H. & PARKES WEBER F. (1899) *Eaux minérales et stations climatiques de l'Europe*, Paris, G. Steinheil.
- ULRICH, I. H. (1995), *A Europa no século das Luzes*, Lisboa, Editorial Presença.
- VALENTE, Vasco Pulido (1971), *Uma Educação Burguesa... notas sobre a ideologia do ensino no século XIX*, Lisboa, Livros Horizonte.
- VIGARELLO, Georges (1999), *História das Práticas de Saúde, a saúde e a doença desde a Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias

Teses Mestrado

- ALVES, Maria de Fátima Pereira (1998), *A Família como Suporte da Política da Saúde Mental em Portugal*, Instituto Superior de Serviço Social do Porto

ARAUJO, Yann Loic M. de Moraes (2004), *Passos Manuel Medicina, Homeopatia Saúde Pública*, Universidade de Coimbra

Teses Doutoramento

PEREIRA, Ana Leonor (1997), *Darwin em Portugal (1865-1914). Filosofia. Historia. Engenharia Social*, Coimbra, Faculdade de Letras

Dissertação de licenciatura

TORRES, Mário Octávio de Castro (1962), *Súmula da História da Homeopatia em Portugal* (dissertação de licenciatura), Porto, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Outras

Gil Vicente vida e obra (1939), Série de Conferencias realizadas na Academia das Ciências da Lisboa, de 8 de Abril a 21 de Junho de 1937, em comemoração do IV centenário da morte do fundador do teatro português, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.

As Farpas: crónica mensal da política, das letras e dos costumes / Eça de Queirós, Ramalho Ortigão (2004), S. João do Estoril, Principia.

Folheto: *Raspail e a velha medicina/por um raspalista (1855)*, Coimbra, Imprensa da Universidade

Luís Octávio Ferreira, *das doutrinas à experimentação: Rumos e metamorfoses da medicina no século XIX (1993)*, Revista SBHC, nº 10, p.43-52

Dicionários:

Dicionário de Sociologia, as noções, os mecanismos e os autores (1997), Jean Étienne-Françoise Bloess, Plátano Edições Técnicas

Dictionnaire de l'histoire de France (1999), Montreal, Rotolito à Milau

Dictinnaire du XIXe Siécle Européene (1997), Paris, Presses Universitaires de France

Gazetas e Periódicos do Século XIX:

Gazeta Homeopática Portuense (1853-1855)

Gazeta Homeopática Lisbonense (1859-1860)

Gazeta médica de Lisboa (1859)

Jornal das Ciências Médicas (1837-1900)

Jornal de Médico (1951)

O Instituto – Coimbra (1853-1860)

O Médico (1968)

Medicina Contemporânea (1832- 1935)

Revista Universal Lisbonense (1841- 1859)

Revista Médica Portuguesa – Lisboa - Junho (1864) a Janeiro (1866)

Revista o Positivismo (1879)

Sites:

[Http://tertuliabocage.blogs.sapo.pt/56409.html](http://tertuliabocage.blogs.sapo.pt/56409.html)

[Http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89cloga](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89cloga)

<Http://www.leme.pt/biografias/80mulheres/cardia.html>

<http://translate.google.pt/translate?hl=pt>

<http://homeopathy.wildfalcon.com/archives/2008/10/31/johan-joseph-wilhelm-lux-1773-1849/>

<http://www.docstoc.com/docs/892100/MeTODOS-DE-GIMNASIA>

http://www.google.pt/#q=Elisha+Perkins&hl=pt-PT&rlz=1W1ADSA_pt-

PT&prmd=bi&source=Int&sa=X&ei=fdYoTMzJCY3fsAbS2_DACg&ved=0CAUQpwU&fp=e039d82629dc90fe

<http://en.wikipedia.org/wiki/File:SKneipp.jpg>

Anexo nº 1

Medicina

Na primeira metade do século XIX, medicina, assim como e a cirurgia era ensinada à margem da lei em locais públicos com a conivência dos facultativos que, para serem aceites, davam “*protecção e amparo a toda a sorte de curandeiros*”¹⁷⁴. Este facto fazia com que para os doentes do século XIX, o médico fosse visto com desconfiança e se era consultado, era dentro de um leque de praticantes dos que podiam remediar a sua aflicção.¹⁷⁵ Esta desconfiança percorria a Europa chegando ao ponto de poetas franceses como La Fontaine fazerem rimar *médicim* com *assassin*. Pascal chegou a dizer: «Se os médicos não tivessem sotainas e mulas, nunca teriam enganado o mundo, que não pode resistir a uma aparência tão autêntica.»¹⁷⁶

Também no Reino de Portugal, muitos médicos eram apelidados de assassinos e de mais fulminantes que a peste.¹⁷⁷ Muitos caíam em descrédito e mudavam de vida, outros eram apelidados com nomes fúnebres como o Dr. Tumba¹⁷⁸.

A caracterização da situação médica – sanitária da época revelava-se uma tarefa complexa em princípios deste século. Os trabalhos de investigação realizados por Isabel Drummond Braga¹⁷⁹, João Rui Pita¹⁸⁰ e Gonçalves Ferreira, levam-nos a concluir que as nossas ciencias médicas estavam muito atrasadas relativamente ao resto da Europa. Esta realidade fez com que tanto no meio rural como urbano, nas classes mais baixas e mais altas, se alastrasse o charlatanismo, da medicina popular exercida por curandeiros, barbeiros e droguistas alheios às modernas medicinas e farmácia.

A Medicina ou Allopatia, do grego, *allos*, outro e *pathos*, doença, significava dor proveniente de uma influência estranha. (...) *Sciencia e arte que tem por fim a conservação*

¹⁷⁴“ (...) *Em Barcelos ensina-se a medicina e a cirurgia publicamente e o que admira mais é que facultativos esclarecidos não só animem, mas até dêem protecção e amparo a toda a sorte de curandeiros (...) em Braga fazem-se até conferências com charlatães, e ninguém se envergonha de tal (...)* (Gazeta Médica de Lisboa, 1859, p. 250)

¹⁷⁵Em 1843 escrevia-se em Portugal que já Rousseau teria dito que os médicos faziam aos homens mais males do que curas, No livro Camilo e os Médicos, 1974

¹⁷⁶Costa 1928, p. 6

¹⁷⁷“ (...) *Doente que lhe fosse às mãos era homem ao mar (...), a verdade nua é que a medicina do jovem doutor tornou-se mais temida e fulminante que a peste e o tabardilho.* “ Costa, 1928, p.9

¹⁷⁸Um facultativo que tinha ido substituir um velho barbeiro que estava encarregado da saúde pública numa aldeia Alentejana. Até então o sino só dobrava nas passagens de estação ou quando algum idoso morria mas após 15 dias do exercício da sua profissão, o sino tocava constantemente, (Costa, 1926, p. 19)

¹⁷⁹Braga, 2001

¹⁸⁰Pita, 1996

da saúde e a cura das molestias (...) ¹⁸¹ compreendiam a physiologia ¹⁸², a anatomia ¹⁸³, a hygiene ¹⁸⁴ e a pharmacologia que por sua vez se dividem em muitas outras especialidades.

As Cortes de 1822, discutiram a falta de médicos no reino apelando à ajuda dos cirurgiões ¹⁸⁵, um problema que perdurou ainda por alguns anos ¹⁸⁶.

Eram considerados médicos apenas os que se licenciavam na Universidade de Coimbra. Todos os restantes que tenham sido licenciados no estrangeiro teriam que se submeter a um exame perante vogais denominados pela Junta de Saúde a fim de poderem exercer a profissão ¹⁸⁷. A posse de um diploma simbolizava a superioridade intelectual da medicina, prática que não se podia confundir com os ofícios mecânicos ou comerciais ¹⁸⁸. Daí a importância das polémicas travadas em torno do ensino médico, da sua qualidade e/ou das suas condições do exercício da ocupação médica, ou o esforço para demarcar o profissional habilitado por diploma concedido por escolas portuguesas.

A valorização do diploma exigia por sua vez uma atenção vigilante à qualidade do ensino, pois, num século em que a ciência, e em particular a medicina, se queriam experimentais; as críticas à “*situação desoladora do nosso ensino médico*” queriam sobretudo significar ausência de “*laboratórios, pessoal apropriado, colecções, clínicas, dotações, ordenos*”.

¹⁸¹Saldanha, 1858, p. 51

¹⁸²(...) São portanto do dominio da physiologia todas as funções de ralação: a visão, a audição, o cheiro, o gosto, o tacto, as sensações, as funcções do cérebro, a intelligencia, a sensibilidade, o raciocínio, amemoria (...) qual é a acção dos órgãos, quais as leis da vida (...) (Saldanha, 1858, p. 52)

¹⁸³(...) Sciencia que se ocupa do exame de todas as partes, que compõem os órgãos organizados (...) Divide-se em anatomia geral, e descriptiva (...) se dividem em anatomia vegetal ou phytotomia, e em anatomia animal ou zootomia, que toma o nome de anthropotomia, quando tem por fim conhecer a estrutura do corpo humano (...) a anthropotomia divide-se em esqueletologia e sarcologia, conforme trata as partes duras ou moles do corpo. (...) Ainda estas se dividiam em outras (Saldanha, 1858, p. 57)

¹⁸⁴(...) A parte da medicina que tem por fim a conservação da saúde (...) o famoso Haller que morreu em 1777 (...) dividia a hygiene em 3 partes: 1ª o objecto ou conhecimento do homem (...) 2ª O conhecimento das cousas que o homem usa ou gosa, e da sua influencia sobre a nossa constituição e sobre os nossos órgão; 3ª os meios ou regras da ygiene, que determinam a medida a que se deve restringir o uso das cousas para conservação do homem (...) Posteriormente se tem considerado a hygiene dividida em dois ramos, a dieta e a nonnaturalia (...), Saldanha, 1858, p. 59

¹⁸⁵O liberalismo que se fez sentir na Universidade de Coimbra foi tido como uma das causas que levou muitos alunos a escolher o exílio em França e Inglaterra. «(...) Haverá quem diga, que não há médicos bastante para tratar de todos os doentes, e por isso se deve dar licença aos cirurgiões para tratarem destes enfermos porque não fiquem de todo sem socorro (...) Discussão nas Cortes Constituintes de 1822 (in Oliveira, 1992, p. 120)

¹⁸⁶A faculdade de Medicina de Coimbra teve a seguinte média anual de estudantes: 1838- 107, 1839- 111, 1841-140, 1842- 134. 1843-100. Destes, cifrou-se uma a quatro formaturas por ano, o que mostra a decadência a que os estudos médicos tinham chegado.

¹⁸⁷Dos empregados de saúde e sua habilitação, Documento citado (in Oliveira, 1992, p.68)

¹⁸⁸Idem, nº 41, 14 – X-1883p. 327

A par das credenciais académicas, o médico do século XIX teria que ter outras características, deveria ser humano, «*benévolo, caritativo, indulgente, dócil, honesto, prudente, circunspecto, modesto, sóbrio e paciente além de ser dotado de pureza de costumes sã moral e saber guardar segredo*»¹⁸⁹. Mais tarde, em 1836, José Eduardo Magalhães escreveu: “*o médico carece mais que nenhum outro homem de ter sentido apurado, perspicácia de vista, agudeza de ouvido e delicadeza de tacto (...) é indispensável que estes dotes se casem com uma boa alma e com a pureza de costumes*”¹⁹⁰.

A profissão do médico conquista até meados do século uma “categoria superior”, ao lado dos advogados e tabeliães¹⁹¹, um grupo sócio - profissional que conseguiu, de forma consistente e continuada, impor o seu saber como princípio de conhecimento, de orientação e de transformação da sociedade¹⁹².

Ao longo de oitocentos, nesta luta pelo poder simbólico, os médicos também tiveram de se defrontar com a posição de relevo ganha pela literatura (e pelo literato) na liderança da opinião pública esclarecida do país. Mas esta ascensão não foi fácil, pois ao longo do século XIX, os médicos lutaram por uma profissão de valor e estatuto social privilegiado e reconhecido de tal forma que a construção de uma identidade profissional, ainda exigia, na década de 80 do século em causa, o esclarecimento prévio de uma questão que se prendia o facto saber quem iria suportar os honorários dos serviços prestados¹⁹³. Tal como anteriormente o padre, o médico apresentava-se como portador exclusivo de um saber na cura do corpo, saber que se foi estendendo, ao longo do século XIX, ao tratamento do espírito com o desenvolvimento da psiquiatria.

A criação da Sociedade das Ciências Médica de Lisboa, teve um papel elevado na emergência do médico como homem da ciência, na discussão das novas ideias e um local onde se reuniam regularmente médicos de Lisboa para apresentarem e discutirem os casos mais difíceis.

Fundada em 1835, cedo os poderes a reconheceram como centro científico que poderia aconselhar “ *a orientação das coisas médicas do país*” e frequentemente o Estado recorreu

¹⁸⁹No ano de 1831, Freitas Soares escreveu *Memoria das Qualidades e Deveres do Medico* (Braga, 2001, p. 157)

¹⁹⁰José Eduardo Magalhães Coutinho, *Algumas considerações acerca da conduta do médico*, (Jornal das Ciências Médicas de Lisboa, Tomo 3, 1836, p. 129-153)

¹⁹¹Cruz 2004, p. 221

¹⁹²(...) *A sua crescente afirmação mede-se pela eficácia com que estruturaram as práticas, as mais quotidianas, moldaram os corpos e regeram os comportamentos, criando simultaneamente, a ilusão de ter um novo poder salvífico (...)* (Garnel, 2003, pag, 214)

¹⁹³(...) “ *Exercício da Medicina (...)* é o de uma profissão; o médico prestando os seus serviços a quem lhos paga, recebendo os seus honorários e disso vivendo, representando para o estado, como qualquer industrial, exerce efectivamente uma profissão” (...) (A Medicina Contemporânea, I Anno, nº 22, 3-VI-1883, p. 173)

a esta sociedade, em assuntos variados, assim como as autarquias e em particular a câmara de Lisboa mantiveram laços próximos com esta sociedade consultando-a sobre vários assuntos¹⁹⁴. Esta sociedade permitiu que a voz dos médicos fosse cada vez mais audível assim que contribuiu, largamente, o aparecimento de uma imprensa médica especializada¹⁹⁵

¹⁹⁴Sobre o abastecimento de carne (1860), a salubridade da capital (1859) entre outros. Recomendou ao estado uma solução urgente para a deficiente hospitalização dos alienados (1841) entre outras recomendações e pedidos. Trabalhou arduamente na discussão e profilaxia e tratamento das epidemias, promoveu sessões de propaganda da vacinação e organizou sessões gratuitas nas suas salas. A raiva e a tuberculose foram motivos de discussão e conferências e em 1899 “*saiu a liga contra a tuberculose*”

¹⁹⁵(...) Lisboa nos inícios da década de 1880 contava com 4 revistas médicas (Gazeta médica de Lisboa, Revista medica portuguesa, jornal da sociedade das ciencias medicas de Lisboa e a medicina contemporânea. Em 1894 surgiu a revista de medicina e cirurgia (...)) (Garnel, p, 231)

Anexo nº 2

Cirurgia

Até ao século XVIII apenas era exigido que os praticantes de cirurgia ou barbeiros tivessem as habilitações mínimas para frequentar o curso, o saber ler e escrever, ter conhecimentos de ortografia, gramática e língua portuguesa, além.

Nos finais do Século XVIII, o pessoal clínico dos hospitais era constituído por quatro médicos e oito cirurgiões, incluindo um *anatômico*, um *oculista* e dois *mestres de cirurgia*. O aumento do número de *cirurgiões*, o dobro dos médicos, parece atestar a importância que o *ensino da cirurgia* tinha na época¹⁹⁶. Uma das saídas profissionais dos diplomados com o curso de cirurgia, era a marinha mercante, onde se alistavam como *facultativos da tripulação* ou então o exército e a marinha de guerra, como *facultativos militares*.

Os hospitais militares terão contribuído em muito para a melhoria do ensino e da prática da cirurgia, em Portugal. A avaliar pela resenha biográfica de J. Feliciano Castilho (1770-1827), havia então uma rede de estabelecimentos de saúde militares, de norte a sul do país, situados nas principais vilas e cidades com guarnições militares de relativa importância¹⁹⁷. Nos hospitais militares de Tavira, Elvas, Porto e Chaves, havia cursos de prática cirúrgica com duração de quatro anos, "*bem montados e servidos por um pessoal zeloso e distinto*" frequentados por "*numerosos alunos*"¹⁹⁸.

A revolução *francesa* foi também protagonista das mudanças no ensino e na prática da medicina e da cirurgia em toda a Europa, permitindo em primeiro lugar a unificação do ensino médico e do ensino da cirurgia. Em segundo lugar fez com que o latim cedesse o lugar ao francês e por último, foram criadas cadeiras de clínica e só recebiam diplomas os alunos que assistissem às aulas práticas de anatomia nas enfermarias dos hospitais.

O hospital tornava-se um verdadeiro local de aprendizagem sem a autoridade secular da igreja, um laicismo que abriu caminho à inovação e à independência científica. A pouco e pouco os ventos revolucionários acabam por chegar a toda a Europa, mesmo com um atraso de décadas, como aconteceu entre nós.

Em 1807, o rei D. João VI, levou com ele para o Brasil "*grande número dos nossos melhores cirurgiões*"¹⁹⁹ e no nosso reino predominava o ensino da cirurgia francesa, embora houvesse também cirurgiões eminentes fora de França²⁰⁰.

¹⁹⁶No entanto, contrariamente aos tratados médicos que eram obrigatoriamente escritos em latim, as obras sobre cirurgia e anatomia eram publicadas nas línguas vernáculas. Lemos, 1991, p. 77 - 156

¹⁹⁷Existiam hospitais militares em Castelo de Vide, Portalegre, Tavira, Elvas, Porto, Chaves, Campo Maior, Xabregas e Lisboa (Lemos, 1991 p. 227)

¹⁹⁸Lemos, 1991, p. 204

¹⁹⁹Lemos, 1991, 207

A fundação das Régias Escolas de Cirurgia, devido à influência do cirurgião em chefe do exército, Teodoro Ferreira de Aguiar, teve acção notória na medicina portuguesa. Pôs fim ao ensino rudimentar da cirurgia, que se realizava em vários hospitais militares, e combateu eficazmente a emigração de alunos que se fazia principalmente para as universidades francesas, visto que na de Coimbra o ensino da Cirurgia tinha carácter prevalentemente teórico. Desde 1825 com a criação das escolas Régias de Cirurgia de Lisboa e Porto que se lutou para que os seus diplomados tivessem uma situação legal idêntica à dos médicos formados pela Universidade de Coimbra, legalização que só em 1866 foi possível.

Até a essa data, os diplomados pelas Escolas Régias de cirurgia, ficavam em situação de inferioridade relativamente aos universitários; não tinham graus e só lhes era permitido exercer a medicina nas localidades em que houvesse médicos ou quando estes não fossem em número suficiente para a assistência dos enfermos; além disso, as habilitações exigidas para a matrícula eram menores.

Faziam-se todos os esforços no sentido de equiparar as Escolas com a Universidade, Oliveira Soares, médico português formado em Paris, propunha em 1835, que se mudasse a faculdade de medicina de Coimbra para Lisboa, Joaquim Salgada no mesmo ano pedia a reforma deste ensino e escrevia o seguinte: «(...) *quanto á universidade de Coimbra comparo-a com um edificio gótico a que se teria juntado algumas peças de arquitectura moderna (...)* »²⁰¹

No decreto de 29 de Dezembro de 1836, de Manuel da Silva Passos, ampliou o quadro de estudos das Escolas de Cirurgia, dotando-as com novas cadeiras de medicina e transformando-as em Escola Médico - Cirúrgicas.

Em 1856, a escola médico-cirúrgico de Lisboa recebeu no hospital de S.José um edifício próprio o antigo convento dos frades Arrabidos e só em 1866 as Escolas Medico Cirúrgicas tinham alcançado perfeita igualdade sob o ponto de vista prático com a faculdade de medicina.

²⁰⁰Mayer em Genebra ouviu pela primeira vez, em 1818, os ruídos do coração fetal (Mira 1947, p. 344).

²⁰¹Mira, 1947, p. 352

Anexo nº 3

Vitalismo

O Vitalismo como doutrina médica surgiu pela primeira vez na história no início do século XVIII em forma de doutrina com Stahl (1660-1734), em oposição às pretensões dos iatroquímicos de construir uma medicina totalmente baseada nos conhecimentos físicos e químicos da época.

Stahl propunha uma distinção entre os conceitos do organismo e do mecanismo. Segundo ele, todo o organismo ao contrário do artefacto mecânico, seria portador do princípio supremo da vida, a alma que representa a unidade de todo o organismo. Também responsável pelos movimentos responsáveis pela manutenção da vida. Quando os movimentos que proporcionam a vida estão alterados no corpo a doença aparece.

Assim sendo, a dualidade saúde/doença nada mais é que um reflexo da tendência degenerativa do organismo e da capacidade da alma de restabelecer a ordem natural dos movimentos.

As ideias vitalistas de Stahl encontraram o seu máximo desenvolvimento nas escolas médicas francesas de Montepallier e Paris. O grande precursor desta teoria vitalista foi Bordeu (1722-1776). Este assegurava que os gânglios linfáticos e as partes sólidas do sistema nervoso tinham uma actividade vital muito própria.

A força vital residia em todas as partes do corpo e , de acordo com as leis da natureza regulava as funções por meio da sensibilidade e da motilidade.²⁰²

J. Barthez (1734-1806) foi um dos discípulos de Bordeu e foi ele o responsável pelo termo “Princípio Vital” que tanto se generalizou por toda a Europa do século XIX.

Outro vitalista importante foi P. Pinel (1745-1826) que dividiu as doenças em várias classes, ordens e géneros e também Bichat (1711-1802) também tentou explicar o Vitalismo dum ponto de vista fisiológico²⁰³

²⁰²Luís Octávio Ferreira, *Das doutrinas à experimentação: Rumos e metamorfoses da medicina no século XIX*, 1993 (Revista SBHC, nº 10, p.43-52)

²⁰³Radl, 1988, p. 214

Anexo nº 4

Homeopatia

Por todos os estudos realizados, o período de maior expansão da homeopatia em Portugal aponta para a década de 1830 até finais do século XIX, reclamando-se então como homeopatas, dezenas senão centenas de indivíduos, entre médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Contavam com o largo apoio do público leigo em matéria médica e que procuravam alternativa médica, assim como por poderosos mecenas que protegiam a arte de Hahnemann em Portugal.²⁰⁴

Das três obras de Samuel Hahnemann mais divulgadas, o *Organon* (1810), a *Matéria Médica Pura* (1811-1821) e as *Moléstia Crónicas* (1828-1830), caberia à primeira o papel de constituir o primeiro e principal guia dos interessados no novo método. Chegaria esta obra a Portugal em 1832 na tradução francesa, sendo logo citada por um dos primeiros e maiores entusiastas da Homeopatia em Portugal - António José de Lima Leitão - que lhe faria “*referência no seu livro de clínica*”²⁰⁵ desse ano.

Na década de cinquenta, a homeopatia tinha-se tornado familiar a vários médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Uma heterodoxia terapêutica que se revelaria ameaçadora ao ponto de não só envolver a sociedade civil mas também de algumas autoridades da medicina e da farmácia oficiais.

Em Portugal, já em 1838, o Dr. António Bernardino Gomes, na abertura da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa discursou sobre a mágoa com que assiste aos sistemas ainda vigentes e apontou as duas principais medicinas vigentes neste período “ (...) *lembrai-vos só, que na mesma época, no século XIX, em nossos dias, vogam duas doutrinas médicas, das quais huma vos aconselha, por seus princípios fazer uso das mais energicas substâncias medicinaes em doses, que por avultadas fazem em sua administração recuar os mais resolutos práticos; e em contrário outra Escola vos dirá deverem só empregar-se as mais diminutas fracções das mesmas substâncias no tratamento de gravíssimas enfermidades, assegurando serem semelhantes doses, ditas homeopáticas, capazes de despertar no interior do organismo os mais espantosos efeitos. E note-se que ambas as Escolas con tão numerosos sectários, que todos vos dirão ter per si o apoio dos factos, a sanção da experiencia e da observação* (...)”²⁰⁶

Foram vários os nomes dos mais renomados homeopatas do país, António Ferreira Moutinho, António Maria dos Santos Brilhante - polémico e conhecido facultativo, redactor

²⁰⁴Manuel Octávio de Castro Torres, *Súmula da História da Homeopatia em Portugal*, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 1962, p. 154

²⁰⁵Mira, 1947: 365.

²⁰⁶Jornal das Ciências Medicas de Lisboa, 1838, Tomo II, p. 98

da *Aguilha Medica* e do *Esculápio*, *vitalista* assumido e um dos mais famosos homeopatas portugueses. Passos Manuel seria instado a discursar publicamente em prol dos interesses homeopatas (em 1860, no cemitério do Prado do Repouso, no Porto) e a emprestar o seu nome a petições em defesa da acreditação científica e académica do sistema médico criado por Samuel Hahnemann. Sucediám-se, com efeito, as conversões à homeopatia de ilustres *personagens* da sociedade, política, banca e artes portuguesas²⁰⁷.

Porto, Lisboa e Mafra constituíam por esta ordem, os principais focos de propagação da doutrina mas seria no Porto que este movimento homeopata foi organizado e lhe deu protagonismo sob o patrocínio de Conde Ferreira. Lisboa seguiu os passos da cidade invicta com figuras como: Lima Leitão, António Maria dos Santos Brilhante entre outras figuras não menos nobres. Foram muitos os que pelo Reino de Portugal seguiram esta nova medicina enaltecendo-a: « (...) e assim a homeopathia, raio emanado da luz divina para allivio e cura dos sofrimentos humanos, tendo por fundamento no céu a verdade das leis da criação e na terra o bem da humanidade e o amor do próximo encarnado no coração de todos os adeptos, jamais no Porto, e em toda a parte cairá em esquecimento; porque é também das leis da criação morrerem os homens, mas nunca as verdades eternas da natureza. As provas do que afirmo estão na aceitação em que geralmente a homeopathia é tida na sociedade de que fazemos parte, e no modo por que se vae propagando assim nas províncias do norte, como na província capital. É pois hoje o estado da homeopathia mui lisongeiro e esperançoso (...).»²⁰⁸

Nestas palavras, em 1859 pelo doutor em medicina e cirurgia, António Ferreira Moutinho, por ocasião do sétimo aniversário da fundação do *Consultório Homeopático Portuense*²⁰⁹, revelavam o fenómeno da homeopatia em Portugal e evidenciava claramente o carácter de *nova religião* da doutrina de Hahnemann, considerado o Hipócrates do século XIX, expulso de Leipzig como “*herético em medicina*”²¹⁰. Uma visão messiânica nas palavras do Visconde de Sernancelhe quando na década de 1850 defendia o “*novo testamento da sciencia medica*”, afirmando que a medicina homeopática não viria destruir a anterior, mas viria para interpretar o que ela não tinha interpretado, completá-la e revelando o que ela ainda não tinha revelado”²¹¹

O Duque de Saldanha tornar-se-ia em Lisboa o “*maior cultor e mais forte propagador da verdadeira medicina*” quando às portas da morte, se deitou nos braços dos raspaí listas e

²⁰⁷ Fronteira, 1986, p. 453

²⁰⁸ Discurso lido na sessão de aniversário da fundação do Consultório homeopático portuense por António Ferreira Moutinho, citado na Gazeta Homeopática Lisbonense em 1860, p. 178

²⁰⁹ O *Consultório Homeopático Portuense* foi fundado em 1852, tratando-se da primeira associação do género em Portugal

²¹⁰ Gazeta Homeopática Portuense, 15/05/1853

²¹¹ Idem, 15/03/1853

dos homeopatas achando alívios mais tarde curando-se²¹² Fruto da sua perseverança, Saldanha publicaria em 1858 a obra *O Estado da Medicina em Portugal*, dedicada a D. Pedro V e oferecida aos “*homens de consciência e superiores que (...) [ensinavam] ou [praticavam] a nobre e liberal profissão da medicina*”. Tratava-se, na verdade, de um manifesto, atacando a medicina das escolas *allopáticas* que na sua opinião não ia além de um “*mixto informe de ideias inexactas, de observações pueris, de meios illusorios, de fórmulas tão bisarramente concebidas como fastidiosamente colligidas, não tendo princípios fixos, sendo a sua therapeutica apenas uma colleção de hypotheses imaginadas pelos médicos em todos os tempos*”²¹³. Envolveu-se em enormes polémicas, amplamente divulgadas na imprensa literária e médica da época, tornar-se-ia no principal mecenas da homeopatia portuguesa a partir de 1859 com a criação do *Consultório Homeopathico Lisbonense* e da *Gazeta Homeopathica*²¹⁴.

Além do Duque de Saldanha, Passos Manuel foi uma das “*muitas pessoas de caracteres distintos*” a interessar-se pela homeopatia e atestando o seu resultado favorável.

Destacar-se-ia a figura do Conde de Ferreira, que de entre as suas muitas obras de mecenato e caridade, se empenharia em proteger e financiar o *Consultório Homeopathico Portuense* e a sua *Gazeta Homeopathica Portuense*, para que aos pobres do Porto fosse prestada assistência homeopática gratuita.

Lima Leitão, “*médico notável (...), homem muito erudito, letrado e dotado de grande actividade*”²¹⁵, doutor em medicina na *Sorbonne* parisiense poucos anos depois da publicação do *Organon*, e dono de um “espírito irrequieto, facilmente aberto a todas as novidades”, ficou profundamente ligado aos sucessos e desaires da homeopatia. Fazendo uma carreira mais serena e advogando a sua escolha homeopática com menos

Radicalismo, Florêncio Peres Furtado Galvão, lente na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra entre 1835 e 1859, apresentaria logo em 1835 a sua tese de doutoramento versando “*De hominum temperamentis, eorumque influxu in Physiologia, Pathologia, Moraliq̄ue Scientiis*”, incluindo no terceiro capítulo acerca da “*Ex Matéria Medica; a que Pharmacia*”, o primeiro item referente à “*homoeopathica doctrina de medicamentorum actione caute admittenda*”⁶⁰.

A oposição pela rápida propagação da homeopatia não demorou e surgiu uma “*guerra desapiedada (...) contra os apologistas*” do novo sistema médico e as academias

²¹²Fronteira, Tomos VII-VIII, p. 453

²¹³Saldanha, 1858, p. 144

²¹⁴Araújo, 2004

²¹⁵Mira, 1947: 364.

responsáveis por essa negação de validade ao sistema de Hahnemann figuravam aos olhos dos homeopatas como uma nova “inquisição”²¹⁶

A reacção à introdução do método homeopático em Portugal coube aos médicos e médicos cirurgiões e menos aos farmacêuticos, numa primeira fase pouco interessados em combater uma *medicina romântica* que partia para a terapêutica com uma forte base farmacológica. O doutor Agostinho Albano da Silva Pinto em 1835 afirmava que era já um sistema conhecido em Portugal desde 1826, ao qual não se opunha na sua totalidade mas também não o aceitava. Já o medico João Brignoli, em 1837, na *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* considerava que as orientações da homeopatia tinham atingido os “*limites da mais fecunda imaginação*”²¹⁷

No entanto a figura que mais se opôs a esta doutrina e que menos valor científico lhe atribuiu foi o medico Bernardino António Gomes baseado nas opiniões e conclusões das mais reconhecidas autoridades francesas²¹⁸

²¹⁶Gazeta Homeopática Portuense, 15/07/1855

²¹⁷Jornal das ciencias médicas de Lisboa - toma VI, pp. 257-268

²¹⁸Com especial referência aos franceses, Trousseau e Andral.

Anexo nº 5

Hidroterapia

Desde os primórdios da nacionalidade que se conhece a tradição da frequentar as termas para cuidados terapêuticos²¹⁹. As doenças de pele como a Lepra, levavam muitas pessoas a recorrer aos tratamentos das “*Gafarias*”²²⁰ as primeiras instâncias de tratamento termal em Portugal.²²¹ Em Caldas de Aregos a princesa D. Mafalda mandou construir uma albergaria para o tratamento de pessoas pobres e no século XV, a rainha D. Leonor de Lencastre, a fundadora das Misericórdias, mandou construir um hospital nas Caldas da Rainha.²²² Foi no século XVI com o alvorecer da imprensa que surgiram os primeiros escritos sobre águas termais pelas mãos de Amato Lusitano (1511-1569)²²³ e no século seguinte, apareceram alguns trabalhos sobre as águas que se caracterizavam pelo aspecto descritivo da situação das nascentes, e raramente os autores citavam as doenças que poderiam ser tratadas.

No início do século XVIII que muito se escreveu sobre as águas mas de uma forma vaga, apenas mencionando a situação e discrição das mesmas mas a partir dos meados do século, aparecem algumas investigações sobre as águas e o seu emprego²²⁴ com o Doutor Francisco Tavares, professor de Medicina, que no último quartel do século XVIII se dedicou ao estudo da Hidrologia em Portugal.

Em Lisboa, o estabelecimento de banhos das Alcaçarias de D. Clara foi criado em 1759, em 1763 e 1779 o balneário de Caldelas e o de Felgueiras era já frequentada pelas suas águas em finais do século XVIII e Monção tinha balneários simples em 1801 e 1818. O balneário de Monchique foi construído entre 1731 e 1780 e as águas das Taipas foram descobertas por um padre carmelita e boticário Cristovão dos Reis em 1753 e Vizela

²¹⁹“No século XII, as primeiras águas de que há referência são as de Lafões, que brotam a 67°. Nelas se curou Dom Afonso Henriques, que as aplicou por indicação de um físico residente naquela região. Mais tarde ali D. Manuel I mandou construir um hospital (Acciaiuoli, 1948, p. 5)

²²⁰“*Gafos*” era o nome dado às doenças de pele

²²¹Guimarães, 1970, p. 6

²²²Mais tarde com a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772, e com o ensino da química, iniciam-se os estudos hidrológicos. As primeiras investigações sobre as águas dos banhos foram feitas no Estoril e Caldas da Rainha.

²²³Nasceu na cidade de Castelo Branco. Estudou Medicina na Universidade de Salamanca. Por ser judeu, foi impedido de regressar a Portugal em 1529 devido às perseguições da Inquisição. Partiu para Antuérpia (1534), onde publicou o seu primeiro livro *Index Dioscoridis* (1536). Viajou por toda a Europa até se estabelecer na cidade de Ferrara (1541) em Itália, onde foi Professor de Anatomia e onde faleceu. Vítima da peste que tentou combater.

²²⁴Em Junho de 1775 por determinação de D. José, em Lisboa, uma junta composta por 26 médicos elaboraram uma tabela sobre quais as doenças às quais as Caladas da Rainha seriam úteis (Acciaiuoli, 1948, p. 9)

passou a ser frequentada a partir de 1758. As águas do Gerês²²⁵ foram descobertas no final do século XVII e considerada uma das mais interessantes instâncias termais de todo o reino para os naturalistas e para os pintores onde se faziam excursões em caravana.

Os banhos medicinais mais procurados eram os das Caldas da Rainha datados de 1664 e tiveram um médico em 1775, o Dr. Joaquim Inácio de Seixas Brandão. A visita dos reis D. João VI, de D. Isabel e D. Miguel que ali receberam tratamento, muito contribuíram para acentuar a importância destas termas²²⁶.

Na zona de Lisboa as águas do Arsenal e da Marinha eram aconselhadas para o reumatismo, ciática e problemas cutâneos, e os Banhos do Duque ou das Alcaçarias ajudavam no tratamento dos problemas de paralisia hipocondria, gota e convulsões.²²⁷ No Alentejo em Avis²²⁸, as águas minerais de Cabeço de Vide eram aconselhadas para problemas nas articulações, reumatismo e pele. As termas do Vidago estavam indicadas para inúmeras doenças como: acne; albuminúria; amenorreia; anemia; anginas e laringites; areias e cálculos urinários; artrismo; asma; baço; bexiga (catarro) blenorreia; conjuntivites; convalescenças; dermatoses; diabete; escorbuto; esterilidade; estômago (doenças do); fígado (doenças do); gota; intestinos (doenças do); linfatismo; nevristenia; obesidade; prisão de ventre; prurido vulvar; reumatismo; renite crónica; útero.

Ramalho Ortigão que fez um levantamento exaustivo das praias mais conceituadas do Portugal de oitocentos, referindo todas as informações necessárias a quem delas quisesse usufruir. Os preços de hotéis, e pensões, os transportes, os preços das casas e o que cada uma oferecia de atractivo para a sua frequência. As praias mais salientadas foram além da Foz do Douro, a praia da sua infância, a de Espinho, Figueira, Leça, Granja, Matosinhos, Pedrouços, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Tróia, Nazaré, Arrábida, Ericeira e Cascais. As praias menos em voga eram a de Âncora, Costa nova, Furadouro, Apúlia, Lavadores, Alfeite, Assenta, Brandão, Fonte da Pipa, Santa Cruz, São Martinho do Porto e São Pedro de Moel.²²⁹

²²⁵ (...) *A povoação é muito insignificante. Compõe-se principalmente de pequenas casas, em grande parte de madeira, habitadas por pastores em algumas estações do ano, e abandonadas durante o rigor do inverno.* (Ortigão, 1875 p. 12)

²²⁶ Quem não podia frequentar as Caldas da Rainha dispunha de um outro recurso, comprarem Lisboa a água da nascente engarrafada. A botica de José Vicente Leitão, no nº 73 da Rua da Cruz anunciava que a água conservava depois de engarrafada, todas as propriedades medicinais.

²²⁷ Cruz, 1843, p. 240-260

²²⁸ A casa dos banhos era muito pequena com apenas 18 palmos de comprimento e nove de largura, sendo precedida por uma sala de idêntica dimensão, onde se trocava de roupa. Pelo pouco espaço e por só existir uma sala os banhos eram feitos por turnos; um destinado o mulheres e outro aos homens (Pimenta, 1823, p. 139)

²²⁹ Ortigão 1875

Em 1849, o governo encarrega Charles Bonnet de fazer uma descrição geológica dos terrenos e das nascentes minerais do país²³⁰.

A meio do século, a Gazeta Médica de Lisboa apresentou três relatórios – de 1851 a 1854 - sobre a evolução dos enfermos tratados no hospital de S. Lázaro que fazia uso das águas de S. João do Deserto, junto a Aljustrel no Alentejo.²³¹

A partir da segunda metade do século XIX a produção científica sobre as águas recebeu um impulso. Químicos, engenheiros e geólogos deram um excelente contributo na medida em que realizaram estudos sobre a conveniente forma de captar as águas, assim como na realização das análises.²³² As publicações de ordem médica foram inúmeras, na sua maioria monografias, teses, relatórios clínicos com registos de casos observados, indicações terapêuticas e propostas para melhorar o aproveitamento das virtudes das águas terapêuticas.

Já nos finais do século, a Hidroterapia dava sinais de estar bem de saúde e era até considerada uma terapia de futuro²³³.

A hidroterapia crescia à medida que o século avançava o que fez com que surgissem alguns trabalhos realizados médicos na tentativa de esclarecer as vantagens e desvantagens do uso desta terapêutica (...) *a hydrotherapia não pode ser um remédio universal (...) Muitas vezes a sua therapeutica é preferível à apathia de uns ou à polypharmácia de outros (...) a hydroterapia não é um systema capaz de substituir todas as medicações conhecidas, nem tambem uma panacêa universal*²³⁴

²³⁰Outros nomes contribuíram para este estudo e no final do século XIX, em 1892, o governo publicou a lei sobre o aproveitamento das nascentes de águas minerais.

²³¹Gazeta Médica de Lisboa, 1855, Tomo III, p. 153

²³²Guimarães, 1954, p. 24

²³³(...) *Somos informados que em Vianna e Guimarães e n'outras localidades há collegas, que não se levantaram ousadamente a bandeira da therapeutica natural, estão usando largamente os processos Kneipp, e que vários colégios empregam a hydroterapia nos seus educandos (...)* (A Saude, 1899, nº 13, p. 2)

²³⁴Lopes. 1877, p. 61-62-63

Anexo nº 6

O Mesmerismo

Franz Anton Mesmer (1734-1815), de origem austríaca dividiu a sua vida entre a música e a medicina e viajou por diversos países da Europa onde fazia chegar o seu conceito de doença: uma desarmonia que favorecia uma perturbação no funcionamento do fluido nervoso que se manifestava por crises.

Em 1775 publicou o seu primeiro trabalho acerca dos efeitos da cura magnética²³⁵, método este que permitiria exacerbar as crises do organismo transtornado e auxiliar a pessoa em prol do seu restabelecimento, fazendo com que as crises diminuíssem de intensidade até desaparecer e dar-se-ia a cura.

Para Mesmer, o magnetismo animal seria então o único remédio porque só existiria uma doença e rejeitava qualquer outro método, no entanto nunca assumiu qualquer tipo de desprezo pela arte médica oficial.

Apesar das controvérsias em torno do magnetismo animal, popularizou-se em França a partir da segunda metade do século XVIII, chegou à Alemanha e ganhou terreno favorável perante as tendências filosóficas da época. As faculdades ensinavam o magnetismo animal e nos salões românticos, era o assunto de todas as conversas.²³⁶ Em Inglaterra era prescrito para provocar um estado dormiente nas operações cirúrgicas, prática que caiu em desuso após ter sido descoberto o efeito do Éter; a Rússia, a Suécia e a Dinamarca²³⁷ também aderiram ao magnetismo animal, porém existiam países como a Áustria que entendia que era apenas um exaltador da imaginação dos doentes.

Com a descoberta do *sonambulismo artificial*, o magnetismo animal evoluiu, defendiam os praticantes que um sonâmbulo via e ouvia melhor que um homem acordado e que sobre a vontade do magnetizador, distinguiria o que seria anormal no seu corpo²³⁸, que podia assim prever a evolução das doenças e indicar os meios terapêuticos mas indicados.

No entanto, a luta contra o mesmerismo era encetada em toda a parte apesar da sua expansão pelas faculdades de medicina da Europa e passou a ser exigido aos médicos que assinassem uma declaração em que juravam não ser partidários do magnetismo

²³⁵Após ter usado um íman na cura de uma doente

²³⁶(...) Segundo o decreto do Rei da Prússia. De 1817, só os médicos estavam autorizados a praticar o magnetismo. Em 1818, a Academia das Ciências de Berlim, que se tinha recusado a admitir Mesmer em 1775, propôs um prémio de três mil e trezentos marcos para o melhor trabalho sobre o magnetismo animal (...) O magnetismo animal chegou a inspirar teses de doutoramento (...), Dr. René Kaech (Separata das Actas Ciba Nº 2, O Mesmerismo, Outubro de 1947, p. 27)

²³⁷(...) na Dinamarca, o monarca ratificava um decreto do Colégio de Saúde e admitia o magnetismo na prática médica, embora sob grandes reservas(...) Idem, p. 28

²³⁸Mesmer nunca reconheceu o sonambulismo mas ele triunfou e foi na segunda metade do século XIX que se aprofundam as bases científicas da sugestão e do hipnotismo.

animal nem por escrito nem em prática sob pena de serem riscados do quadro dos Doutores

O *Abade Faria* (1756-1819)²³⁹ foi o português mais conhecido na Europa pelo uso do Magnetismo animal. Tendo chegado de Goa como seu pai em 1771, seguiu para Roma onde concluiu o doutoramento em Teologia e voltou a Lisboa, em 1778 partiu para Paris, quatro anos após Mesmer ter abandonado aquela cidade mas os ecos da sua prática aguçaram o interesse de Abade Faria. Foi com o Marquês de Puységur e depois de longas experiências abriu um curso sobre o *Sono Lúcido*, como ele designava o sonambulismo provocado.

Todos em Paris falavam dele e todas as quartas-feiras realizava conferências que atraíam a melhor sociedade da capital francesa²⁴⁰ tendo sido considerado como a pessoa que pela primeira vez deu a concepção nítida dos fenómenos do hipnotismo.

²³⁹ José Custódio de Faria como cientista demonstrou o carácter puramente natural da hipnose, tendo sido ele o primeiro a descrever com precisão os seus métodos e efeitos. Soube antever as possibilidades da sugestão hipnótica no tratamento das doenças nervosas.

²⁴⁰ «(...) *Um clarão formidável ia rebentar neste céu puro, no momento em que o magnetismo, desdenhado durante a Revolução e o Império, voltava à superfície com os Bourbons ... Foi o abade Faria, padre Português, Brâmane, como ele próprio se intitula, que vindo directamente da Índia ia produzir toda esta revolução... O Abade Faria adquiriu imediatamente um renome considerável(...)*, Dr. Santana Rodrigues (Separata das Actas Ciba Nº 2, *O Mesmerismo, O Abade Faria e o mesmerismo*, Outubro de 1947)